

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

GIULIANNA VITÓRIA AUGUSTA RAMOS

PORQUE LEMBRO, SEI E GUARDO

Goiânia
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): **GIULIANNA VITÓRIA AUGUSTA RAMOS**

Título do trabalho: **PORQUE LEMBRO, SEI E GUARDO**

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Lucia Beck, Professora do Magistério Superior**, em 23/02/2023, às 09:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Giuliana Vitoria Augusta Ramos, Discente**, em 24/02/2023, às 09:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3541198** eo código CRC **C3AB7A50**.

GIULIANNA VITÓRIA AUGUSTA RAMOS

PORQUE LEMBRO, SEI E GUARDO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Bacharel em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Orientador(a): Profa. Dra. Ana Lúcia Beck

Coordenador(a): Profa. Dra. Adriana Aparecida Mendonça

Goiânia

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Ramos, Giulianna Vitória Augusta
Porque lembro, sei e guardo [manuscrito] / Giulianna Vitória
Augusta Ramos. - 2023.
cxxiv, 124 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Ana Lúcia Beck.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais,
Goiânia, 2023.

Bibliografia. Anexos.
Inclui siglas, fotografias, abreviaturas.

1. Escrito. 2. desenho. 3. bordado. 4. fantasia. 5. livro de artista. I.
Beck, Ana Lúcia, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 14 dias do mês de fevereiro do ano de 2023 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “**PORQUE LEMBRO, SEI E GUARDO**”, de autoria de **Giulianna Vitória Augusta Ramos**, estudante do curso de Artes Visuais - Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela Profa. Dra. Ana Lúcia Beck - orientadora FAV/UFG com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: membro 1 - Profa. Dra. Adriana Aparecida Mendonça; membro 2 - Prof. Dr. Leonardo Motta Tavares - PPGAV/UNB. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a **nota final 10**, tendo sido o TCC considerado **APROVADO**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Aparecida Mendonça, Professor do Magistério Superior**, em 28/02/2023, às 11:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leonardo Motta Tavares, Usuário Externo**, em 28/02/2023, às 11:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do

[Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Lucia Beck, Professora do Magistério Superior**, em 28/02/2023, às 12:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3556634** e o código CRC **5A7FE014**.

Na qualidade titular dos direitos de autora, eu Giulianna Vitória Augusta Ramos, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar gratuitamente a versão final deste Trabalho de Conclusão de Curso para fins de consulta, leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção artística e científica brasileira, a partir de 14 de fevereiro de 2023.

RESUMO

A prática artística aqui abordada é o fruto dessa pesquisa que consiste em desenhos, escritos e bordados. Uma tríade que está no meu fazer artístico muito antes do início da graduação, agora aprofundo como uma pesquisa que aborda a imagem e a escrita e em como se complementam. Essa pesquisa está atrelada a todo meu trabalho que investigo e aprofundo para perceber o que eu faço. As referências presentes que moldam minha pesquisa partem de José Leonilson e Edith Derdyk a Stephen King e Ana Lúcia Beck para a produção de obras de escrita e desenho, bordado, cadernos de artista e um novo livro, todos dentro do campo das artes visuais.

Palavras-chave: escrito; desenho; bordado; fantasia; livro de artista.

ABSTRACT

The artistic practice addressed here is the fruit of this research consisting of drawings, writings and embroidery. A triad that is in my artistic making long before the beginning of graduation, now deepens as a research that addresses image and writing and how they complement each other. This research is tied to all my work that I investigate and deepen to realize what I do. The present references that shape my research come from Edith Derdyk and José Leonilson to Stephen King and Ana Lúcia Beck for the production of works of writing and drawing, embroidery, artist's notebooks and a new book, all within the field of visual arts.

Keywords: written; drawing; embroidery; fantasy; artist book.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus pela paciência e não ter soltado a minha mão. A minha família. A minha orientadora. A Fron que me ajudou com o livro. Aos meus amigos e por você que passou pela minha vida e me marcou de alguma forma. *Gratidão.*

DEDICATÓRIA

Para minha família que me apoia. Aos meus amigos. A todos que passaram pela minha vida e me deram história para eu escrever. E para você.

Quando paro de criar, é como sentir as asas sendo cortadas, não me permitindo mais sonhar. Tudo parte da imaginação, que parte de uma ideia, que quando criada, permanecerá. Então eu crio coisas, porque é meu único propósito nesta Terra.

Giuliana Vitto

SUMÁRIO

Prólogo	12
Capítulo 1: Escrevi para poder lembrar	16
Capítulo 2: Desenhando palavras	31
Capítulo 3: Desenhei para poder saber	38
Capítulo 4: Roubei as estrelas do seu céu	47
Capítulo 5: Bordei para poder guardar	52
Epílogo	61
Referências	65
Anexos	67

PRÓLOGO

Eu gostaria de começar isso de um jeito que fosse mais fácil, mais atrativo. O que passa pela minha cabeça agora poderia ser visto como um monte de nada e também um monte de tudo. Não existe uma fórmula para ser artista e poder explicar o que estamos fazendo. Certa vez, ouvi de um professor que se existisse uma fórmula para fazer arte, não seria mais arte e sim uma ciência. Este pensamento foi perfurado em mim como uma estaca e eu sei exatamente o que é isso. Há muito tempo atrás, quando eu era uma criança, descobri um gosto por desenhar. Simplesmente era bom e me agradava sair desenhando tudo o que gostava. Era uma mania de interpretar o que eu tinha lido. Parando para pensar nesse exato momento, a escrita e o desenho já eram um alinhado desde a infância e pesquisando agora, as coisas comecem a se encaixar. Duas coisas faziam parte desse reportório: desenhar e desenhar bem. Era uma necessidade. De ouvir aquelas histórias e dar sentido a elas com os meus desenhos. No fundo, eu sabia que tinha um diferencial, porque eu fazia do meu jeito, como eu achava que deveria ser. E não havia nada, absolutamente nada no mundo que me impedisse de desenhar com vontade.

E na mesma medida, quanto tomei um certo tipo de consciência que poderia escrever, o que me moveu em linhas e traços, guiou as palavras em todas as suas formas e tamanhos e profundidades. O que me faz segurar o lápis em desenho, me faz segurar o lápis para escrever. Escrever sobre todas as coisas da vida, sobre o que me viesse na mente e sentisse uma vontade imparável de escrever, de contar histórias, não ditas, não lidas e não vistas... até agora.

Para complementar esse processo, surgiu de forma inesperada o bordado. Ofício este que tornou-se parte muito importante de minha pesquisa. Traçar as linhas no algodão como um jeito de permanecer e dar nós nas histórias, foi o que me permitiu ainda mais guardar meus trabalhos de uma forma que no esquecimento fosse impossível de acontecer.

Um caminho inteiro foi percorrido até chegar aqui. De alguma forma, estive conectada com o meio da arte. Dentro do balé, da pintura em tela, em tecido, na aula de violão, clarinete, livros que escrevi, matérias de arte na escola.

Gosto de pensar que o universo me guiou nisso tudo e por trás tinha um propósito de forma indireta.

É extraordinário.

Eu posso fazer o que eu quiser na arte. E por isso, eu tenho um olhar que é único e exclusivo a mim. Tudo se transforma.

Há uma ansiedade em criar e colocar o papel. No seu devido lugar. Para mim, o papel nas minhas obras, é lugar onde devem estar.

O que vou fazer aqui é *perceber* tudo isso. E dar contexto também.

Essa pesquisa parte da investigação do meu processo de criação com a escrita. Como comecei a incorporar esse fazer nas minhas obras de desenho e o que me levou a desenhar. Um complementa o outro. Posso dizer, exatamente, desde que ingressei no curso de Artes Visuais, até o sexto período, eu não tinha essa visão que eu *misturava* a imagem e palavra. Todas as conversas e orientações que obtive em laboratórios de produção artística e matérias de pesquisa começaram a me fazer encontrar em algo tivesse um sentido. É da preocupação de escrever, desenhar e bordar, que surgem as discussões marcadas para que esta pesquisa aconteça.

É importante e até mesmo curioso dizer que essa temática que é o ponto central e perfurante de minha pesquisa que é a imagem e palavra, só veio ao meu conhecimento em uma conversa com a Professora e Orientadora, Ana Lúcia Beck. Acredito que nunca falei isso para ela com palavras ao vivo e a cores, então, eis aí. Quando encaro meu trabalho ao longo de toda essa pesquisa e produção pelos últimos meses, sinto tanta coisa. Escrever sobre tudo diz o que eu deixei perdido no tempo. Resgatar o que eu sempre fiz por meio de percepções é onde posso retornar o topo dos montes e pisar na grama verde e sentir. Ideias novas, velhas e do futuro que permanecem comigo.

Para isso acontecer, dividi o texto em capítulos que narram o início marcado de meu universo de palavras e imagens que colecionei nos quatro anos de faculdade e que me guiaram para os trabalhos que produzi nesses anos, até o último deles (até agora, pois novos trabalhos já estão anotados na mente e no papel), que é um livro. Um volume único de tudo o que é imagem e palavra da minha pesquisa. Quero ressaltar, que esse trabalho é um dos outros que produzo comigo.

Inicialmente, retrato o primeiro capítulo pela escrita, dando contexto a uma história de infância que hoje me coloca na minha posição de alguém que escreve. Narro meus cadernos de artista durante o processo de escrita, a questão da escrita, que é evidente no meu trabalho. E vou situando estas questões com autores que vão de Beck a King que tenho apreço pelo que falam e conversam com essa parte tão importante da palavra, além de artistas como Edith Derdyk e León Ferrari.

No segundo capítulo, explico sobre a caligrafia que moldei nesses anos e as diferentes experimentações em caligrafia gótica e tipografia que descobri nesses três meses de processo do livro e dentro de um ateliê tipográfico. Explico o processo material de desenhar palavras em sua forma delimitada e o uso de fontes, que é algo essencial na minha caligrafia e a influência que a tipografia trouxe para isso.

O terceiro capítulo fala sobre desenho, de modo que abordo o desenho do que sei durante minha trajetória enquanto retratista e outros desenhos enquanto imagem e escrita. Assim como o primeiro capítulo, narro a trajetória do início de tudo quando comecei a desenhar e os desafios que enfrentei nesse percurso. Claudio Marra e Austin Kleon são referências teóricas que abordo nesse capítulo, e Erik Prado e Zayn, são uma das referências enquanto desenho para mim.

O capítulo mais divertido e cheio de traços, é o quarto que explico minha mais nova obsessão pelas estrelas. Explico brevemente esse ato que incluí nos meus cadernos de artista, bordado e desenho. O ato gestual é o que liga o fato de poder trazer essa pequena parte do céu para dentro de meu processo artístico e principalmente por escrever muitas narrativas nos meus poemas sobre esse

tema que tornou-se muito recorrente nas minhas relações entre imagem e palavra.

Em último lugar e não menos importante, vem o bordado. Uma experimentação que tinha a única finalidade de ser um passatempo (e a necessidade cumprir horas de núcleo livre), tornou-se parte das minhas imagens e dos meus escritos, especialmente por influência dos bordados do artista José Leonilson e Candace Hicks. Ana Lúcia Beck faz parte de minhas referências neste capítulo.

O objetivo dessa pesquisa sempre visei procurar localizar cada parte do que eu desenvolvi durante o período que cursei esta graduação e o que antes me fez chegar até aqui. Reconhecer a volta ao passado quando queria escrever poemas enquanto criança e os desenhos que sempre fiz na mesma fase até onde me levaram nos dias atuais que a problemática que desenvolvi na minha investigação. Partindo do início que investigo a escrita, o desenho e o bordado e como descobri estas três vertentes na palavra e na imagem durante o processo.

Equivalente a isso, a justificativa que se parte nessa pesquisa envolve severamente o meu gostar do que faço. O prazer de produzir, de passar horas delimitada no meu palácio mental e poder desenhar, escrever e bordar.

É claro, tudo isso narrando o processo dessa pesquisa e como isso agiu de forma consequente para produzir meu livro de artista que é um dos principais objetos artísticos que irá, durante com outras obras que produzi e ao final deste Trabalho de Conclusão de Curso mostrar essa tríade como processo. Para concluir, considerações finais sobre este o universo do meu fazer artístico.

CAPÍTULO 1: ESCREVI PARA PODER LEMBRAR

Antes de começar a escrever esse capítulo, martelei em meu cérebro maluco se deveria começar o primeiro capítulo com o desenho, porque sei que comecei a fazer a faculdade de artes pelo motivo de saber desenhar. Mas não foi bem assim que aconteceu. As orientações dentro do trabalho de conclusão nos levam aos caminhos certos e fazendo esse texto eu percebi uma coisa. Eu não comecei diretamente pelo desenho. Lembro-me de escrever uma frase de um poema autoral estúpido e que faria qualquer poeta chorar de tristeza quando criança. Se eu tivesse aquele caderno até hoje, daria risada. Meu tio estava perto de mim naquele momento e fez uma brincadeira dizendo que eu era uma poeta.

Devaneios à parte.

É justo começar por aqui, pois tenho que situar o que faço com outros autores nesse primeiro capítulo. Tenho que escrever, então faz sentido esse caminho a percorrer.

Aqui encontraremos uma série de poemas e textos que escrevi ao longo dos anos e uma série de desenhos também. Certas coisas em folhas avulsas, não tão aleatórias pois gosto de trabalhar em A3 de alta gramatura e o principal desse universo, o que tem me guiado ao longo desses anos: meus cadernos de artista ou diários de bordo.

Para iniciar essa conversa, quero mostrar meus cadernos.



Figura 1 – Julianna Vitto. Cadernos de artista, 2019-2022. Dimensões variadas. Fonte: Arquivo pessoal.

A obsessão por esses cadernos começou pela matéria de desenho do Professor Glayson, no início do ano de 2019. Eu só fui compreender a importância disso hoje. Banalizar diários sobre coisas que eu gostava quando criança era algo muito presente dentro do meu cérebro antes de ver isso como uma espécie de anotação de ideias. Até aquela época, era um caderninho abobado de infantilidades. Inclusive, mantenho um desse guardado na minha gaveta e ele é o que mais se aproxima dos atuais que tenho hoje.

Primeiro utilizei os cadernos para desenho. Só depois, bem depois vi que poderia adicionar minhas escritas nas páginas juntamente com os desenhos. Porque naquele mesmo ano, durante a matéria de desenho do corpo do Professor Glayson Arcanjo, eu tive uma revolução dentro de mim. Borboletas subiram para o meu estômago e eu entendi que poderia escrever e desenhar ao mesmo tempo. Sempre tive um pensamento de cada coisa estar no seu devido lugar dentro da minha produção. Se eu desenhava, era apenas o desenho. Se eu escrevesse, apenas a escrita estaria sobre o papel. Principalmente porque eu não era muito conivente com meu próprio trabalho escrito e não queria que ninguém tomasse conhecimento. Até eu compreender que não era motivo de esconder o que eu fazia. Uni os dois, de uma vez, como um estalo de dedos. Foi minha primeira obra com o que hoje pesquiso: imagem e palavra.



Figura 2 – Giulianna Vitto. *Sem título*, 2019. Tríptico, grafite sobre papel, 2019. 29,7 x 42 cm.
Fonte: Arquivo pessoal.

As minhas questões com a escrita eram muito permanentes na minha vida, porque eu tinha acabado de sair do ensino médio e eu escreveria textos nessa mesma linha, narrando acontecimentos aleatórios.

No ano seguinte, segui igual.



Figura 3 – Giulianna Vitto. *Sem título*, 2020. Díptico, grafite sobre papel. Dimensões variadas.
Fonte: Arquivo pessoal.

Ana Lúcia Beck discute o ato de usar anotações entre José Leonilson e Louise Bourgeois. Vi que não era só eu que adquiri esse gesto habitual de anotar no caderno e mais tarde isso dar caminho para outros trabalhos. É de meu costume deixar o meu caderno sempre dentro de minha mochila ou deixá-lo ao lado de minha cama. As ideias surgem a qualquer momento e eu *preciso* anotar tudo. Esses escritos garantiram muitos poemas e textos para bordados e caligrafias que jamais poderia imaginar tamanha grandeza nessa vontade não esquecer. Saber que ambos anotavam e isso lhes dava gancho para seus trabalhos me deixou feliz. Gosto de pensar que com estes artistas, somos amigos próximos trocando informações.

É interessante notar como contraponto a esta questão, que os dois artistas usaram anotações ou escritos esparsos como ponto de partida para a criação de inúmeros trabalhos. Leonilson, por exemplo, anotava frases e expressões escutadas em músicas que transcrevia em cadernetas para depois se tornarem ponto de partida para desenhos e pinturas (BECK, 2016, pág. 526).

Complementando essa fala, Priscilla Nannini aborda também o que ela denomina de “materializar ideias e pensamentos”, o que Derdyk faz em seus cadernos de artista. A artista utiliza materiais e suportes através da palavra e imagem.

Derdyk materializa ideias e pensamentos através do experimentalismo de materiais, formas e suportes, sempre integrando palavra e imagem, propondo novas configurações e significados. Em suas produções, o leitor é desafiado a criar novas formas de leituras para que a obra se complete. Suas imagens permitem incontáveis camadas de significações, formando muitas relações e narrativas. (NANNINI, 2018, p. 3015)

Quando estou escrevendo, gosto de fazer texturas e formas no papel para soltar a mão. A caneta de ponta fina me permite isso e eu vou fazendo as duas coisas: escrevendo e desenhando. É um teste nas texturas que gosto de fazer. Na escrita, também faço testes entre as palavras para ver o que funciona melhor. Parto de muitas narrativas. Quando o meu leitor lê e vê meus trabalhos, cabe a ele conectá-los como achar melhor.

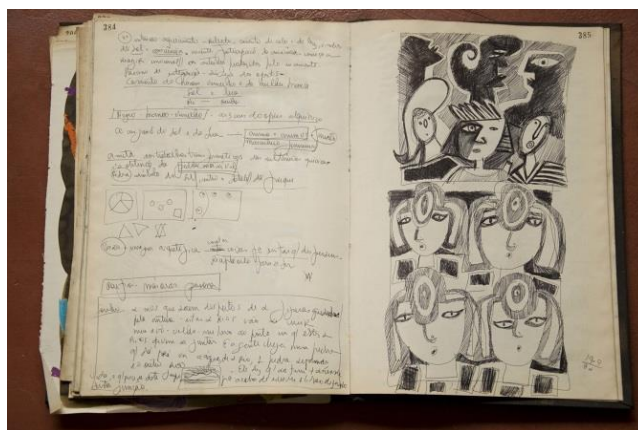


Figura 4 – Edith Derdyk. Cadernos de anotações, diários e registros, a partir de 1980. Técnicas variadas. Fonte: <http://cargocollective.com/edithderdyk/Livros-de-Artista>. Acesso em 28 de dezembro de 2022.



Figura 5 – Edith Derdyk. *Binário*. Edições Tijuana, 2014. Tiragem: 25 exemplares assinados e numerados. Fonte: <http://cargocollective.com/edithderdyk/Livros-de-Artista>. Acesso em 28 de dezembro de 2022.

Só tomei um certo tipo de consciência quando recebi referenciais artísticos de outros professores que mostravam outros artistas com a mesma linha de pesquisa de imagem e palavra. Os cadernos de Derdyk são um breve

pensamento que tenho na materialização do processo do meu livro que contém muitos elementos de escrita materializados.

Agora entro em uma montanha de acontecimentos que me levam aos questionamentos sobre tamanho e imagem e que fazem uma conexão com outros questionamentos também. É um ziguezague sem fim.

Acho que é isso que torna o processo interessante.

Sei que falei que durante o ano de 2019 eu senti a necessidade mostrar meu trabalho escrito como parte dos meus desenhos. A pontinha de coragem alastrou-se em mim, entretanto, foi recolhida para debaixo da concha – tal qual um caracol – assim que a pandemia chegou. Eu até cheguei a mostrar a Figura 3 no meu Instagram. Depois disso, cobri-me de acanhamento. O que não me impediu de escrever em pequenos cadernos tamanho A5. Nesse ponto, enxergo muito esse período como nos diários de Derdyk e os cadernos de anotação de Leonilson porque ambos coloca seus pensamentos ali. Mesmo que eu tenha demorado uma quantidade de tempo considerável, eu sei que meus pensamentos, escritos e anotações estarão ali para sempre.

Isso me gerou uma visão que tudo o que eu fazia deveria ser pequeno e meu. Ninguém deveria ver ou saber. Dois anos depois, já dentro do ateliê e no laboratório, recebi orientações da Professora Eliane Chaud sobre o tamanho dos meus trabalhos. Algo ampliado, para que outras pessoas pudessem vê-los.

Foi um problema. Fiquei boas semanas pensando em que local do mundo das artes isso me levaria.

Eram minhas intimidades e as pessoas as veriam. Com o passar do tempo, a escrita se tornou um pouco pessoal demais e eu estava com medo disso.

As perspectivas foram outras quando cheguei na sala com nove trabalhos em tamanhos imensos de 70cm x 50cm.

A referência para que isso tomasse forma, veio de León Ferrari. Vi o que ele fazia. E tínhamos similaridades. Ele traz muito o elemento da escrita e da caligrafia em suas obras, além de que elas estão centralizadas no meio do papel. O que mais

me chamou a atenção, especialmente, é a cor preta para o que ele escreve. Quando vi que suas obras tinham tamanhos grandes, abracei suas obras como base e fruto do que eu tinha que fazer e lá estava.

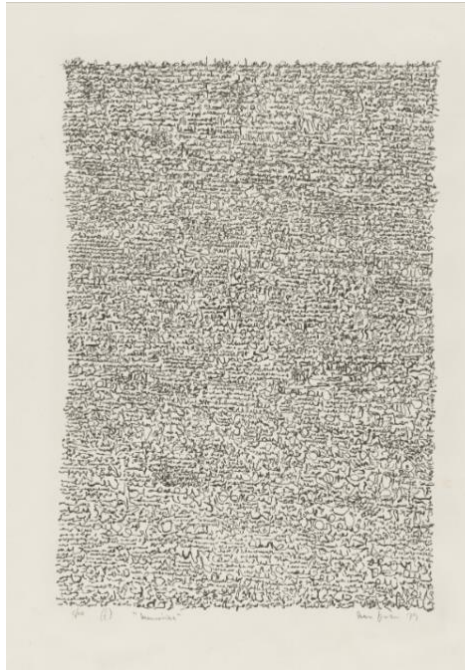


Figura 6 – León Ferrari. *Memórias*, 1975. Litografia. 59,8 cm x 37,5 cm. Museu de Arte Moderna. Fonte: <https://www.moma.org/collection/works/109290>. Acesso em 2 de fevereiro de 2023.

Um mês depois expus cinco destes trabalhos na 4ª edição da Feira de Artes de Goiás de 2022 (FARGO). Aqueles três dias acrescentaram no meu processo uma questão que era o fato de esconder meus trabalhos de mim mesma e de outras pessoas. Estava devidamente exposto para milhares de pessoas verem. Eu fiquei no stand da FAV em certos momentos que me deram uma perspectiva muito privilegiada de quem quer que passasse até o local para ler. Foi em uma dessas que pude conversar com uma expectadora que sentiu-se demasiadamente tocada com a minha escrita. Seu olhar era tinha emoção. Ela veio falar comigo e tivemos uma conversa muito profunda. Foi especial. Digo abertamente que entendi, naquele momento, onde eu me encaixa no mundo das artes. Além de aprendermos a nos comunicar com o circuito das artes (e vender três quadros), quem vê minha obra tem tamanha importância para com o meu processo artístico. O trabalho passa ser do leitor, de certa forma e ver que as pessoas

identificam e precisam disso é uma das maiores compreensões e motivações no que eu produzo.



Figura 7 – Durante a FARGO 2022. Fonte: Arquivo pessoal.

Foi na aula de laboratório mais recente que comecei a esboçar alguns trechos do livro (Figura 8) com a mesma casualidade dos meus cadernos de artista. Vejo como uma introdução a experimentação de coisas que podem dar certo ou não e olhar para esse trabalho me levanta muitos tópicos, principalmente entre a relação de imagem e escrita. Ana Lúcia Beck explica sobre essa relação: “No abrangente espaço que compartilham os estudos interartes e intermídia, e até mesmo bem antes das sistematizações e metodologias que ambos propõem, as linguagens verbal e visual se entrecruzam e se contaminam” (BECK, 2019, p. 12). Todavia, não estava conseguindo encontrar essa *contaminação* no que andei

fazendo. Eu senti que enquanto eu escrevia esses trechos que eu queria colocar no livro, a imagem e a palavra que deveriam se encontrar, estavam, na verdade, se perdendo. Sempre gostei de livros sobre fantasia, reinos e distopias. Era mais um elemento que senti vontade de colocar. No entanto, não sabia como relacionar... até agora.

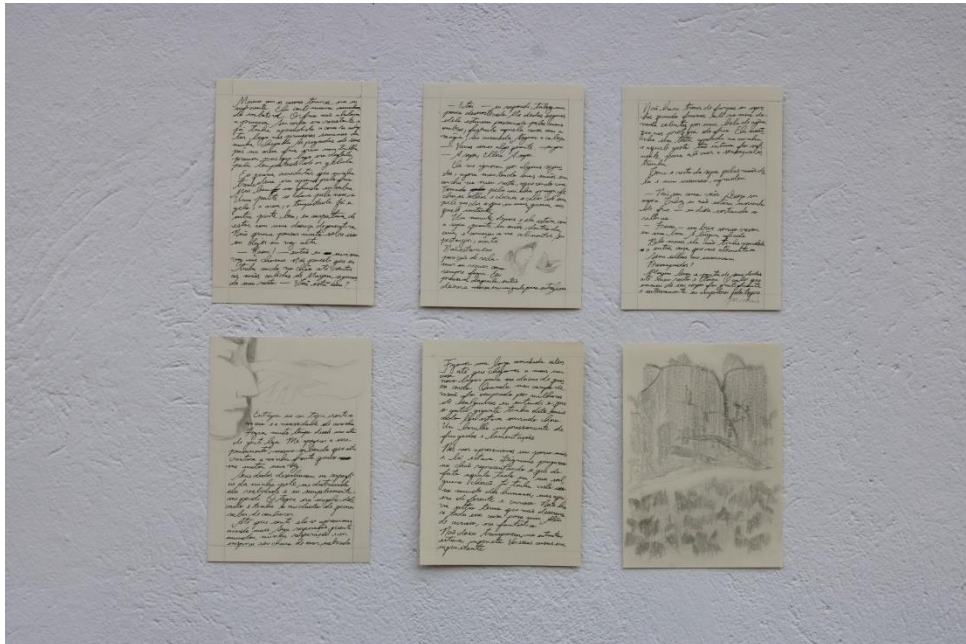


Figura 8 – Giuliana Vitto. Trechos do livro, 2022. 14,8 cm x 21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

Quando algo atormenta meu juízo, eu gosto de pensar muito até que saia fumaça da cabeça e se resolva. Encaro meu processo como experimentação em diversas ocasiões. Fazer esses trechos do livro como modelo inicial me preparou para o modelo final do livro que comecei a produzir meses atrás para meu processo de pesquisa de imagem e palavra do TCC. Se as imagens se contaminavam, como eu faria isso acontecer? Bem, elas precisavam acontecer dentro do meu campo de pesquisa. Nesses trechos, narro o enxerto de uma história que gosto de saber na minha mente sobre um casal que está passando frio em dunas de areia e gelo. A personagem é uma criatura mágica e ele é um humano. O ato dela precisar lhe dar a sopa extremamente quente para que ele não morra de frio, faz com que as letras góticas derretam e dificultem um pouco a leitura. É como quebrar a quarta barreira na escrita e no desenho. É divertido.

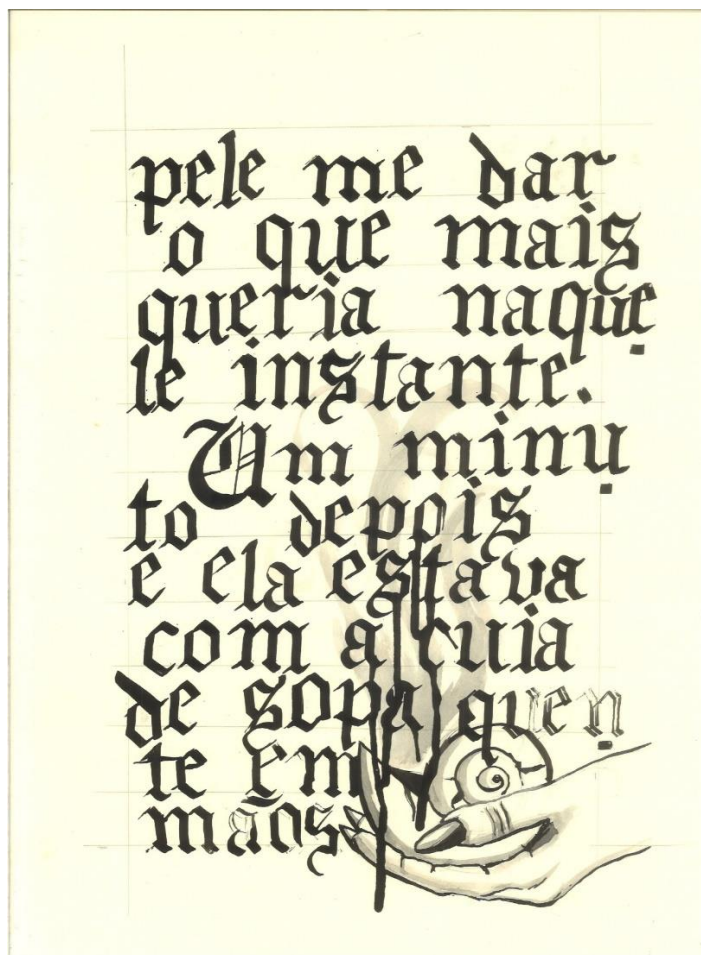


Figura 9 – Giulianna Vitto. *Porque lembro, sei e guardo*, 2023. 38 cm x 29 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

Desse mesmo trabalho, surgiu uma espécie de desdobramento (Figura 11) de uma obsessão que sempre tive em cartas. Durante minha adolescência escrevia cartas de aniversário para amigos e cartas destinadas a ninguém narrando uma situação hipotética de confissão. Ando lendo muitos livros de romances que contêm essa temática, me senti mais influenciada ainda após ler *A Última Carta de Amor* de Jojo Moyes e ter assistido o filme *Cartas para Julieta* (2010). E para completar, eu tenho lido as cartas que Van Gogh mandava para as pessoas mais próximas de si (Figura 10). Penso que é fascinante e me toca no fundo da minha alma, poder ler essas narrações, imaginar o que se passa naquelas letras, porque a mente cria imagens narrativas para isso. Então eu fui e escrevi histórias que vinham da minha cabeça, de pessoas enviando cartas para as outras por algum motivo. Não tem nome ainda.

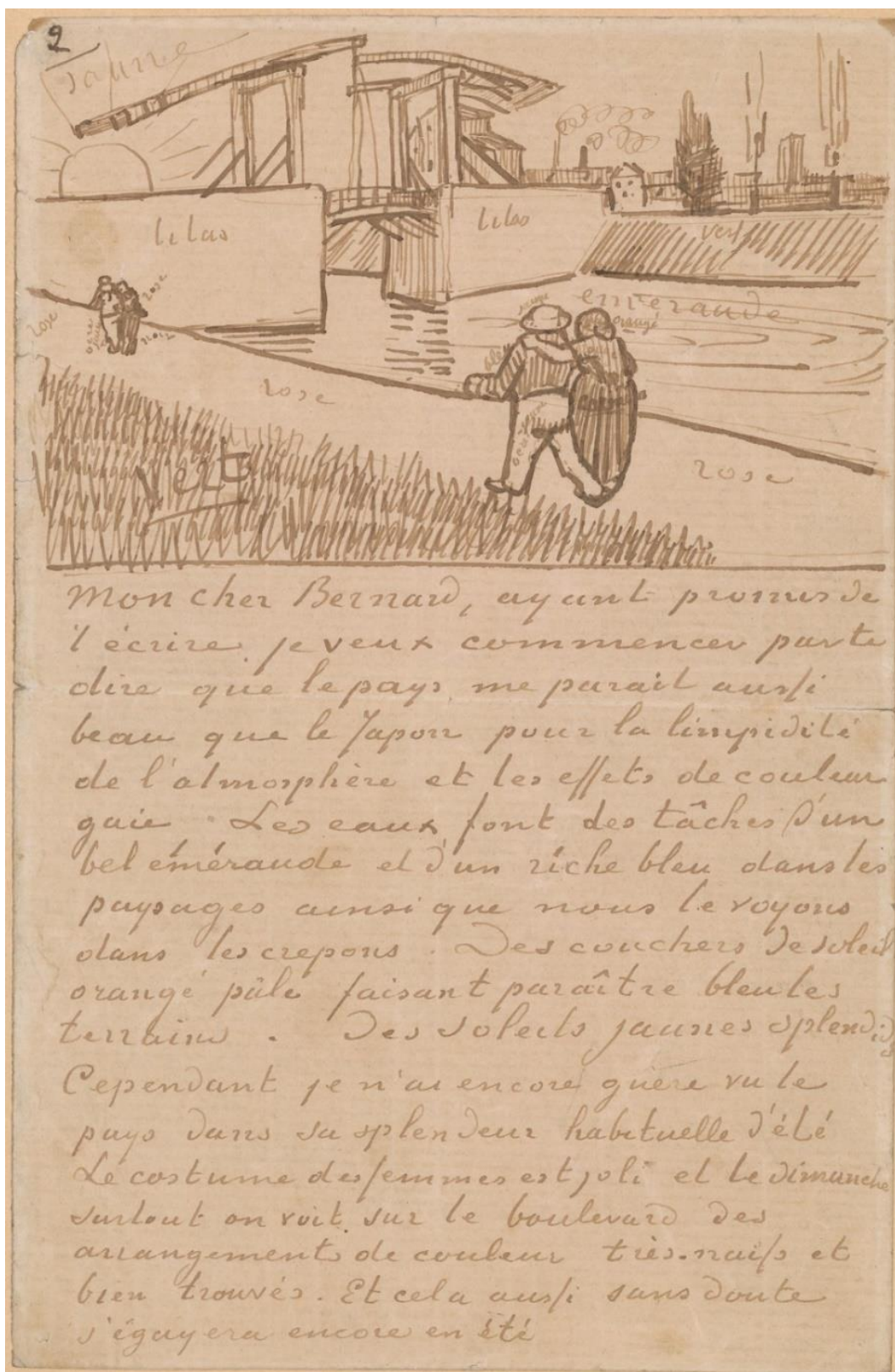


Figura 10 – Vincent van Gogh. Carta para Émile Bernard. Arles, 18 de março de 1888..Carta 2, página 1. Thaw Collection. Fonte: <https://www.themorgan.org/collection/vincent-van-gogh/letter/2/page/1>. Acesso em 9 de agosto de 2022.



Figura 11 – Julianna Vitto. *Sem título*, 2022. Caneta sobre papel marfim. Dimensões variadas.
Fonte: Arquivo pessoal.

Partindo dessa série, surge um desdobramento que há anos tenho vontade de colocá-lo em prática. Estava perdida quanto a forma e como materializá-lo. Sempre tive o costume de escrever cartas até a certa idade de minha adolescência. Isso se deu a um simples motivo: assisti um filme chamado *Simplesmente Acontece* (2014). Aquilo viveu na minha cabeça por muitos anos. Uma cena específica em que a personagem principal lê uma carta no casamento de seu amado e as palavras que ela narra naquele pedaço de papel tomam proporções gigantescas naqueles anos. Tive uma paixão não correspondida por muito tempo. Dedicava uma parte considerável dessas cartas a ele e a outra, gostava de inventar, criar, imaginar o que eu gostava de ler. Eram histórias de outras pessoas que eu senti vontade de narrar. Ficticiamente, não verdades, romances, segredos. Eu poderia nominar de mil outras palavras, porque ao longo do tempo perdi e ganhei esse hábito da escrita muitas vezes. É a partir daí que as coisas tomam uma forma mais exata. Escrevi algumas histórias de romance e parei. Depois escrevi poemas. Em seguida voltei brevemente para estas cartas.

Comprei um bloco cheio de folhas tamanho A5, utilizei para fazer os trabalhos da Figura 9, e o que sobrou, decidi ir escrevendo as cartas. São situações inventadas. Pessoas pedindo pertences de volta, rações de gato, pedidos de casamento e dívidas com outros amores.

O fascínio de escrever essas coisas me prende. Para mim, a parte mais interessante de tudo isso é mastigar as palavras ao longo dos dias, das semanas. Ora quando estou dentro do ônibus ou em casa ouvindo Taylor Swift e Paula Fernandes. Eu imagino tanto que, nesse exato momento, fico me perguntando se minha própria mente continua sendo minha de verdade. Já criei tantos cenários, tantas histórias. No fim do dia e quando sinto com vontade escrever, despejo tudo como uma onda de água que corre por um pequeno riacho. As palavras surgem engolidas de dentro para fora, fortes, precisas.

É um conjunto dos dias, das noites, do que me abrange ao redor. Da saudade, da verdade e da mentira. Manipulo o que acho bonito, converto o que não é real para o real e deixo as pessoas que quando forem ler, interpretem como acharem das suas vontades.

Consumar a escrita com o que vem das minhas experiências tem sido um desafio. Minhas inclinações a leitura são livros de romance, livros que falam de criaturas fantásticas, seres de orelhas pontudas que pintam quadros, pessoas que assam cookies no forno e viram a forma em um intervalo de dez minutos para os dois lados. Assim como adoro ler músicas e suas poesias que falam de serem piratas, por cavalgarem debaixo do cair da chuva e não conseguirem ver o elefante dentro da sala de estar. É bem aqui, dentro desse universo de palavras, dentro desse mundo imaginário e sonoro que eu me encontro e me perco. Provavelmente mais me perco, porque muitas vezes não sei a volta à para casa, no entanto, é nesses caminhos que vou moldando tudo o que preciso para escrever. Muitas vezes não entendo nada, mas o lembrar é suficiente e preenche a alma e olhar e a vontade de não esquecer.

Venho lembrando de tudo e anotando de inúmeros jeitos e tamanhos e materialidades que tive uma certa prática que só pude compreendê-la agora que carrego meu trabalho de uma forma mais ampla, pois adquiri mais possibilidades.

Lendo Stephen King¹, *Sobre a Escrita*, o autor aborda uma explicação que é minha lição favorita enquanto escritora e artista visual:

Gostaria de sugerir que, para escrever com o máximo de suas habilidades, convém construir sua própria caixa de ferramentas e depois trabalhar musculatura para carregá-la com você. Assim, em vez de topar com o trabalho difícil e desanimar, talvez você saiba pegar a ferramenta certa e partir para o trabalho imediatamente. (KING, 2000, pag. 101)

Isso é curioso, pois ando tendo manias que vem e vão. O hábito de estar em uma determinada situação e tirar proveito disso. Tenho todas essas coisas comigo: os livros, as músicas, experiências, histórias etc., que quando estou fazendo algo que destranca a porta mais profunda na minha cabeça, eu utilizo toda essa caixa de ferramenta para criar.

Um exemplo. Em novembro precisei ficar no hospital acompanhando uma pessoa. É de conhecimento a atmosfera profunda e pesada de um hospital. Cheiro de álcool, enfermeiros cuidando de pessoas enfermas, agulhas e curativos para todo lado. O corpo automaticamente baixa a guarda e você fica triste. E lá estava eu, sentada em uma poltrona, lendo uma história em quadrinhos, observando ao mesmo tempo tudo isso, com meu caderno de anotações ao meu lado. Sinto esses pensamentos intrusivos, mesmo sem querer, aparecerem e tomando medidas que eu não contendo e como é esquisito, estar tomada naquela situação e sensação, sentir vontade de escrever. A palavra que me envolveu foi estancado, e, apesar de ser uma palavra que veda algo (aqui vai um trocadilho), não conteve nada do que se seguiu a diante. Em minutos eu tinha um poema que falava sobre uma pessoa que depois de anos sem ver, retorna e para todo o sangramento que o outro tinha. A forma como ela surge em sua frente, os pés fincados no chão, estancam a vida jorrada de sangue do outro. E

¹ É um escritor norte-americano de terror, ficção sobrenatural e científica, suspense e fantasia.

desde então eu penso muito nessa mania que temos de tomar todos os momentos ao nosso redor e compartimentalizar em arte.

Preciso confessar que as vezes tenho um pouco de raiva por fazer isso. O cérebro e o coração funcionam desinquietos, buscando o mundo para fazer dele o que bem entender.

Essas coisas acontecem de forma indireta. Quando vejo, me deixei atingir. E mesmo sentindo raiva, eu gosto. É tipo ter um poder nas mãos. Escrever até não poder mais. Enquanto o tenho, farei.

Não sou de falar, sou de escrever. Tem muitas coisas que só podem ser sentidas pelas mãos, pelos dedos deslizando o papel e contando o que eu quero fazer o outro sentir.

CAPÍTULO 2: DESENHANDO PALAVRAS

Nesse percurso repleto de palavras que dizem tantas coisas, percebi duas coisas no que eu fazia e o que eu poderia fazer enquanto escrevia meus poemas e como eu poderia deixar cada letra com formatos. As palavras para definir isso variam entre gavinhas, torneados, aspirais, arredondados e o que une tudo isso: o desenho. Na verdade, tem dois sentidos para isso que vou explicar detalhadamente no decorrer.

O primeiro e que faz sentido discorrer sobre é o fato de as palavras deslizarem das minhas mãos enquanto escrevo. Não no sentido literal de torneiar com a caligrafia, mas sim de fluir. O vento vem em nossa direção trazendo cheiros e poeira invisível, o fogo e suas labaredas queimam ardentes, a chuva cai do céu até o chão numa linha reta. Assim é a forma como que escrevo. Uma ventania explosiva que cansa minhas mãos ao escrever o que quero. Esse ato de não querer que caia no meu esquecimento me move e intensifica as palavras para permanecerem comigo a partir do momento que as coloco no seu devido e único lugar, o papel. É uma fluidez sem fim, arrebatadora no ato de colocar em palavras o que me mantém inspirada.

E o segundo que caminha junto com o que sai da minha mente, é o fato de desenhar palavras. Sim, o sentido literal de brincar com o ato gestual de ter minha mão desenhando letra por letra, palavra por palavra.

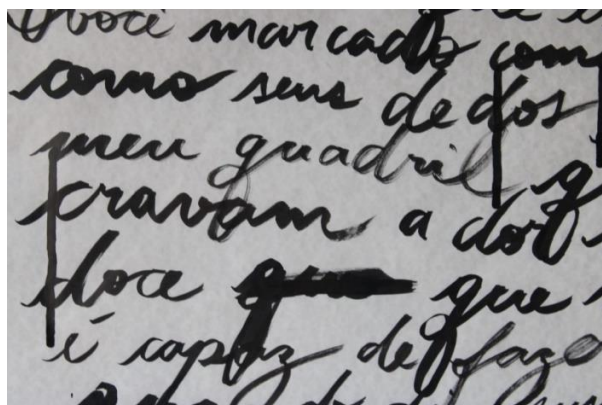


Figura 12 – Giulianna Vitto. *tenho lhe contado segredos*, 2022. Díptico. Nanquim sobre papel parchamant. 70 cm x 48 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

Uso nanquim e um pincel de cerdas macias que me permite ter o prazer de sentir as cerdas dando lugar ao que escrevo do fundo do meu coração. Esse ato é divertido, ao mesmo tempo solto, é preciso e penso e não penso quando estou fazendo. Gosto de ver o formato das palavras as vezes pequeno, as vezes grande. Vou brincando como acho que me satisfaz, gestualmente delicado e tranquilo.

Quero retomar a Figura 6 como um exemplo. Como foi dito, aquele trabalho de Ferrari teve uma influência bem direta quando precisei tornar meus cadernos de artista maiores, uma vez que os trabalhos de Ferrari também são grandes. Naquele mês de abril, durante a matéria de Laboratório de Produção Artística II, selecionei páginas que julguei serem interessantes para agigantá-las sob a orientação da Professora Eliane Chaud. Escolhi dois poemas e algumas texturas aleatórias que tinha feito nas páginas de um dos cadernos de artista.

Aproveitei uma tarde que não havia ninguém em casa e o silêncio denunciava o que eu mais precisava. Coloquei meu cavalete na sala de estar, peguei as folhas nos tamanhos de 70 cm x50 cm e passei a tarde escrevendo e desenhando.

O primeiro não funcionou bem. Aqui penso o quanto testes podem ser essenciais no processo artístico, porque quando fiz esse primeiro em questão, utilizei a caneta posca preta e o traço que obtive era fino como linha de costura e a folha era enorme. Estava presa ao pequeno. Acredito que a vergonha de ter que passar aquilo para um tamanho fora do habitual tenha me colocado em uma posição de refém muito irritante. Era óbvio que eu não tinha gostado de ter que fazer aquilo. Mas eu fiz. E aquilo me rendeu perspectivas que, até aquele momento, nunca tinham passado pela minha cabeça.

Com êxito, consegui chegar nesse díptico, que o denomino de *coração e coroa*.

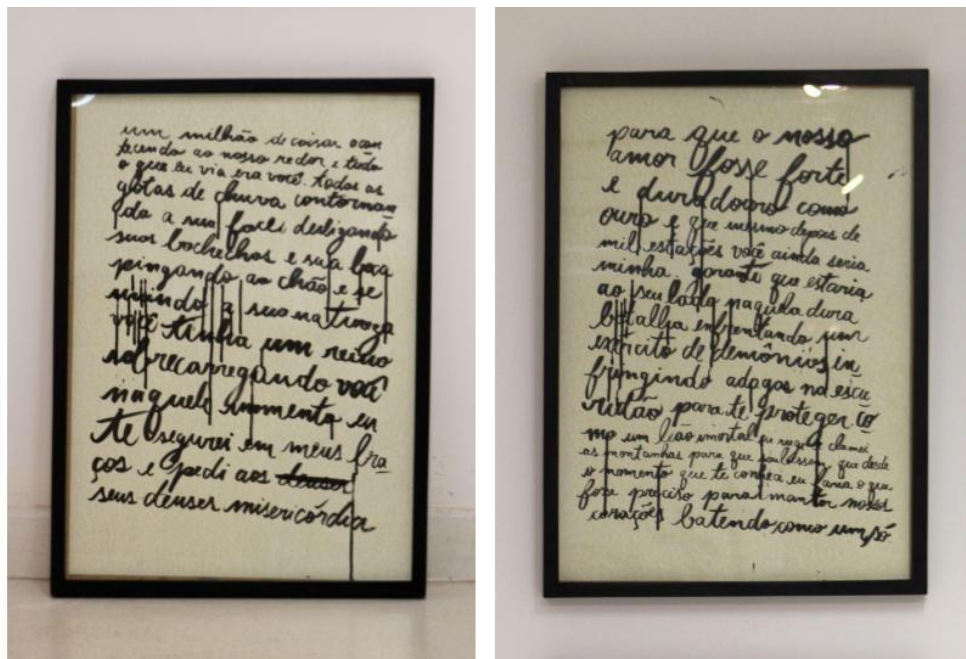


Figura 13 – Giuliana Vitto. *coração e coroa*, 2022. Díptico. Nanquim sobre papel parchamant. 70 cm x 48 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

Eu dei voltas na lua naquela noite quando fui me deitar. Inconformada, é claro.

É difícil fazer uma coisa por muito tempo e ter que sair para fora da caverna sem um óculos de sol é mais difícil ainda.

Daí surgiu a oportunidade de expor esses trabalhos na Feira de Arte de Goiás. Aonde quero chegar com isso, é que o ato gestual de desenhar as palavras me garantiu uma nova visão em questões materiais e gestuais do meu trabalho. Visão essa que consiste em encarar meu trabalho seja ele grande ou pequeno, em uma folha de textura ou tecido, sei que posso dar verbo ao gesto. Quando quero saber de algo, desenho, quando não quero esquecer de algo, escrevo. Gosto imensamente de passear por esses caminhos. O que eu sinto quando seguro o pincel e posso dar forma a palavra, é além do que as palavras podem dizer.

A folha está lá posicionada, me esperando e então o pincel começa a deslizar, nascendo torneados esguios e curtos. Não é segredo... adoro escrever a letra G, L, Q, Z. Elas deslizam pelo papel com graça.

E o mesmo eu posso dizer das letras góticas que ganharam um espaço muito importante no fazer do livro. A letra que mais gosto de fazer é o U, V e O.

Estar inclinada ao universo da fantasia, me levou a certos mundos de caligrafia que fazem conexões com a caligrafia que eu faço. O ato de fazer isso manualmente, com pincéis de cerdas macias e pincéis de bico de pena, é o ponto central de desenhar palavras.

Organizo pastas no Pinterest. Existe uma pasta chamada “artist book”. Lá coleciono imagens de tudo e todas as coisas que quero que estejam no meu livro. Estive assistindo uma série chamada *A Casa do Dragão* (2022), dirigida pelo Miguel Spohnik, existe uma cena em que a personagem está folheando um livro gigantesco, com desenhos medievais e escrito em letras góticas. Comecei a adicionar imagens de livros na minha pasta, obcecada pela caligrafia e o formato das letras. Descobri uma artista em questão que faz todos esses desenhos nos seus manuscritos e fiquei muito inclinada em trabalhar com a caligrafia gótica em meu livro.

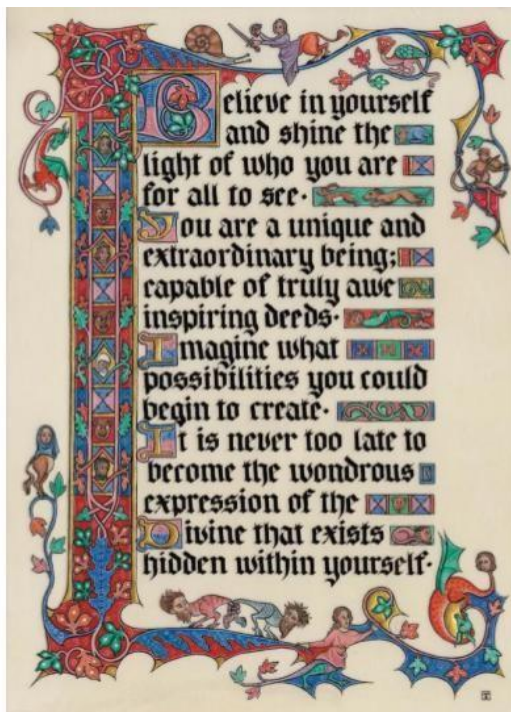


Figura 14 – Tania Crossingham. *Believe in yourself*. Pintado à mão em pergaminho de couro de bezerro, aquarela, tinta e folha de ouro. 22.5 x 33 cm. Fonte: <https://www.tania-crossingham.com/believe-in-yourself>. Acesso em 27 de dezembro de 2022.

Fui atrás de um bico de pena, com os conselhos de Frontana², e encontrei em uma papelaria no Setor Universitário. Passei um bom tempo na volta de carro encarando a caneta e inconformada com o jeito que ela era. Não acreditei que aquilo me garantiria as letras de que precisava. Mas como tudo na vida de um artista é experimentação e teste, comecei a desenhar traços aleatórios até pegar o jeito. E ancorada as referências, obtive páginas de caligrafia gótica no livro. Como separei o livro em partes, escrevi os trechos da Figura 8. Fiz com nanquim e desenei apenas duas imagens que conversassem com as palavras. Um exemplo é a Figura 9 (e a que mais deu certo). Nas páginas que narrei a personagem entregando a sopa para seu amado, pensei propositalmente que o desenho da sopa derretesse as palavras. King explica que a palavra é a representação do sentido (KING, 2000) e eu quis interpretar esse sentido ao pé da letra quando escrevo com caligrafia gótica uma sopa tão quente que realmente consegue queimar as próprias palavras que eu escrevi.

É importante dizer que muitas letras estão desproporcionais, diferentes umas das outras. Apesar do bico de pena deslizar, senti a mão deslizar para a direita de forma bem acentuada, quando, na verdade, deveria ser uma linha reta horizontal. Preciso dizer também que foi divertido. A letra gótica tem magia envolvida. E não ironicamente, os trechos que escrevi falam de criaturas e reinos mágicos e letras que derretem com sopa quente.

² É uma artista de Goiânia, estudante de Artes Visuais Bacharelado pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Em suas produções trabalha majoritariamente com técnicas de impressão, das mais acadêmicas ao campo expandido na gravura, e livros de artista. Em sua pesquisa investiga a relação da palavra com a imagem ao mesmo tempo que desenvolve temáticas autobiográficas a partir de acontecimentos de suas vivências. Atualmente participa de projetos e atividades estudantis dentro da universidade enquanto realiza suas produções artísticas de forma independente.

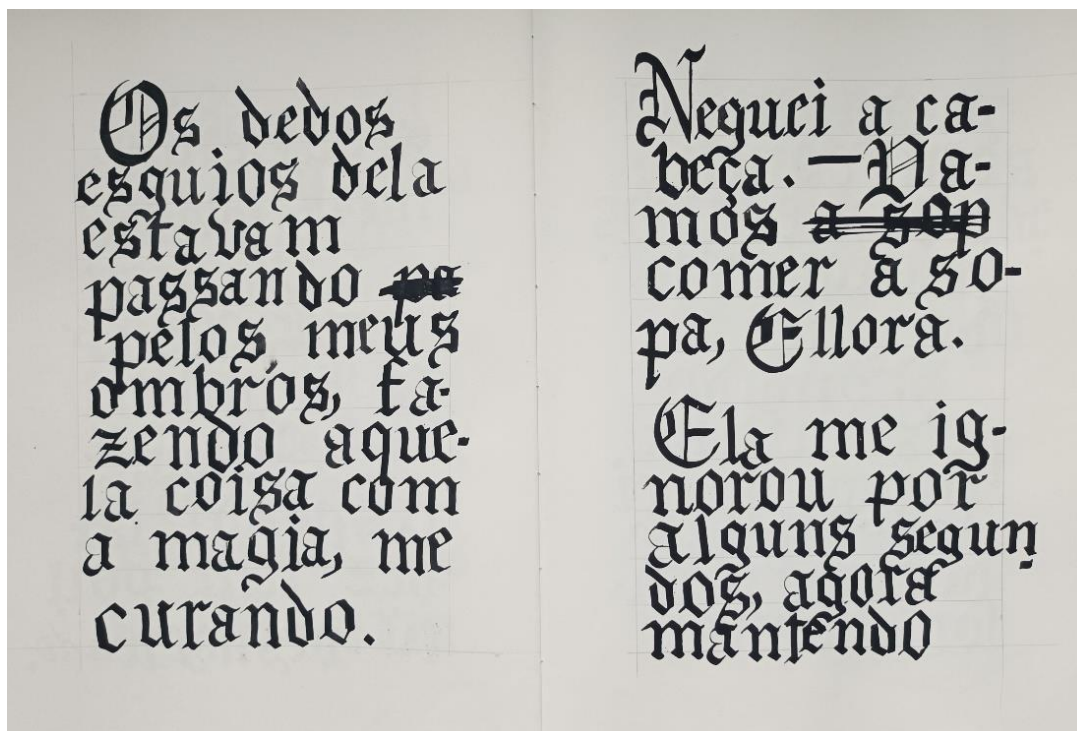


Figura 15 – Giulianna Vitto. *Porque lembro, sei e guardo*, 2023. Nanquim sobre papel marfim. 38 cm x 58 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

E simultâneo as letras góticas, estive estagiando no ateliê tipográfico³ com a Frontana. Agora abro espaço para uma parte muito importante e decisiva que agregou muito durante o meu processo artístico. Durante esse período no estágio, Fron e eu conversamos bastante. Sobre tudo. Não foi difícil entrar em vários tópicos de discussões sobre fontes no ateliê. Ela tem um conhecimento enorme sobre isso. Seu cérebro é gigantesco e armazena muita coisa. Especialmente sobre fontes e livros de artista.

Percebo que a escolha de fontes durante o tempo que fiquei trabalhando e produzindo, tem uma ligação muito direta no meu processo artístico de desenhar palavras. Os tipos têm tamanhos em numeração. Então, existem tipos gigantescos e tipos minúsculos. Das formas mais variadas, eles têm letras com

³ O Ateliê de Tipografia está localizado entre o pátio das Faculdades de Física e História na UFG. Lá acontece a produção e composição de textos em tipográfica por meio de impressão física manual. O ateliê é coordenado pelo Professor José Vanderlei Gouveia (formado em Biblioteconomia pela Escola de Biblioteconomia e Documentação de São Carlos, no ano de 1978) que tem um conhecimento muito vasto nessa área.

voltinhas, arabescos e até em negrito e itálico. Não foi diferente ir atrás de letras com esses tipos de formatos. E até quando descobri as vinhetas em formato de estrela também. Foi automático colocar isso como parte do processo do livro e de outros trabalhos.

CAPÍTULO 3: DESENHEI PARA PODER SABER

Desenhar é a única certeza do saber que eu tenho. Sem arrogância, longe disso. É a certeza de ver um rosto e conhecer o que habita cada traço que estou fazendo. A face esconde muito, mas também conta muito e eu me apoio nisso. Apoio tanto que é como ter a pessoa a minha frente, em uma conversa intimista sobre a vida. Ao passo que sei fisicamente sobre ela. Uma pinta no canto acima da sobrancelha, os olhos se fechando e criando três rugas em cada olho porque sorri, um pouco de suor na ponta do nariz ou covinhas quando, mesmo sorrindo sem mostrar os dentes, aparecem em sua bochecha de uma forma sutil e doce. Eu simplesmente sei. E com o passar do tempo essas coisas vão mudando, mas eu sei que estavam ali. A mudança é a beleza, mas o saber é eterno.

Em questão de anatomia, ao longo dos anos, foi um estudo que pratiquei desde o ano de 2015. Antes disso, eu desenhava, com muita facilidade, tudo, tudo e todas as coisas.

Sempre desenhei, desde criança. Eu gostava e gosto de ter caprichos nos meus desenhos, de interpretar o mundo pela minha visão, de ouvir aquilo e dar um sentido dimensional para aquilo. Ouvia as histórias, os contos de fada infantil, e interpretava a cigarra como eu achava que deveria ser. E no fundo, eu sabia que aquilo era diferente e meu. Ficava feliz com isso, por ter essa inclinação e entender que gostava de traçar linhas no papel e ver aquilo criando formas e mais formas. Não havia nada no mundo que me impedisse de desenhar com vontade.

Questionei minha mãe uma vez, quando criança, se poderia desenhar rostos realistas tão bem. É adequado dizer que as lembranças daquele dia são turvas, mas me recordo dessa pergunta porque o tempo reverberou esse desejo e hoje posso dizer que minhas mãos atingiram uma franqueza de gestos que tranquilamente deslizam sobre o papel, suaves.

A obsessão por rostos é por saber que existe um triângulo no nariz que o conecta aos olhos que são um círculo quase redondo. Em um sentido técnico dizer essas

palavras soa como dureza. E eu gosto de saber sobre isso, assim como também gosto de saber que o rosto é assimétrico e é isso que o torna bonito. Nenhum lado é igual e eu posso simplesmente reconhecer cada detalhe, cada marca, cada cicatriz e segredos que a face carrega. Os traços combinam luz e forma, espaço e tempo, preto e branco, olho e boca, sobrancelhas e sardas. Porque o lápis é a junção exata de tudo isso e minhas conhecem os traços na medida certa.

Entretanto, tendo adquirido a facilidade com a prática, eu preciso dar um passo atrás e pontuar as dificuldades do desenho realista.



Figura 16 e Figura 17 – Julianna Vitto. *Zayn*, 2016. *Zayn*, 2021. Grafite sobre papel. 14,8 cm x 21 cm e 29,7 cm x 42 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

No início, comecei desenhando de forma excessivamente obsessiva, os olhos. Olhos. Olhos. Olhos. E isso me rendeu bons meses. Eu tentava seguir tutoriais, mas em muitos momentos perdia a paciência, mas tudo na base do fazer, precisa ser contínuo. Essa é a graça. Parece ser algo problemático. Apenas parece. A realidade é outra quando você começa a se dar conta das outras partes da face e tudo começa a se conectar. Lentamente, é claro.

Porque eu chorei.

Chorei de raiva incumbida de ódio e mais ódio.

Muitos desenhos deram errado.

E trabalhos que fogem do nosso controle, fazem doer no fundo da alma. O que me leva a perceber, anos mais tarde, que produzir não é sobre dar certo ou errado. É sobre o processo e o que unifica seu trabalho. Austin Kleon⁴, no seu livro *Roube Como Um Artista*, revira minha mente ao dizer: “Não se preocupe com a coerência entre uma parte e outra – o que unifica todo o seu trabalho é o fato de que você o fez.” (KLEON, 2012, pág. 78). Desde então muitas coisas mudaram no meu processo de desenho realista. Porque agora entendo que eu fiz aquilo e faz parte, porque posso desdobrar o processo por mil e uma possibilidades. Acho que eu nunca tive consciência do que eu faço como agora.

Desenvolvi muitas colaborações com outros artistas desenhistas ao longo dos anos. No meio de todas essas colaborações, muitos desenhistas do realismo fizeram e fazem parte de minhas referências. Pedro Lopes⁵, Erik Prado⁶, Roo Gomes⁷. Sou fascinada pelo detalhamento das obras de Pedro e os traços escuros no trabalho de Erik Prado.

⁴ É autor do livro de poemas *Newspaper Blackout*, e seu trabalho tem sido destaque no *The Wall Street Journal* e no site *20x200.com*. Ele fala sobre criatividade e arte online para organizações como *SXSW* e *The Economist*. Mora em Austin, Texas, onde mantém o endereço *austinkleon.com*.

⁵ Artista autodidata, de Passo Fundo, RS. Utiliza técnica realista em seus trabalhos e iniciou a prática de desenhar desde os 14 anos. Tem um perfil no Instagram *@PedroLopesArt*.

⁶ É artista e graduado em Design Gráfico pela Universidade Paulista (UNIP). Nascido e criado na Zona Sul de São Paulo, zona periférica, Embu das Artes. Atualmente trabalha como tatuador aprendiz.

⁷ É brasileira e Ilustradora digital. Trabalhou para Netflix Brasil, Fifth Harmony, Marvel Studios, Adidas etc.



Figura 18 – Pedro Lopes. *Sem título*, 2017. Grafite sobre papel. Fonte: [instagram.com/pedrolopesart](https://www.instagram.com/pedrolopesart). Acesso em 27 de dezembro de 2022.



Figura 19 – Erik Prado. *Flores seremos*, 2020. Grafite sobre papel. Fonte: [instagram.com/aliensdoerik](https://www.instagram.com/aliensdoerik). Acesso em 27 de dezembro de 2022.

Desse trabalho em especial de Erik Prado, surgiu uma colaboração que fizemos porque assistimos a série *Elite* da rede de streaming Netflix e decidimos desenhar os personagens de nossa escolha.

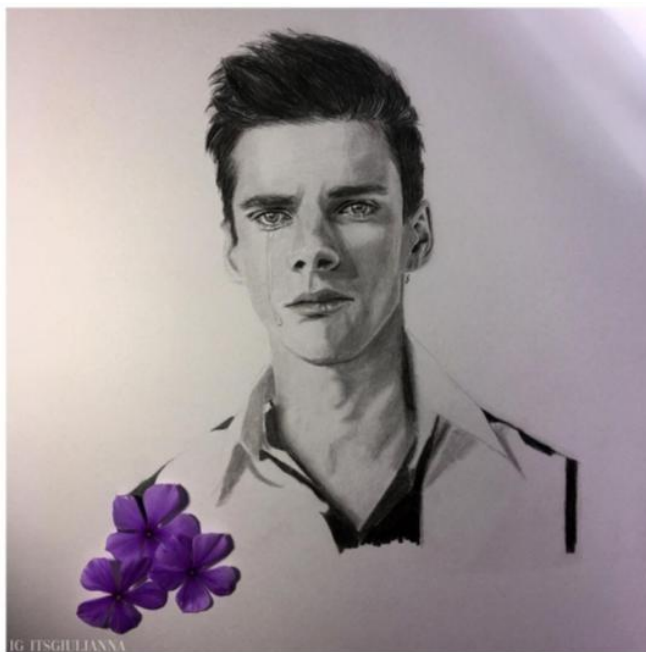


Figura 20 – Giulianna Vitto. *Polo*, 2020. Grafite sobre papel. 29,7 cm x 42 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

É curioso pensar. Depois de sofrer dolorosamente com olhos maiores que outros (ainda faço isso) ou bocas que não encaixam com o formato do rosto, ou até mesmo rostos que deveriam ser ovais e ficaram quadrados, eu adquiri uma nova paranoia. O fato de achar que copiava rostos e só.

Foi nesse período pandêmico que, de presente, ganhei uma série de pensamentos estupidamente melancólicos que geraram uma crise de identidade no meu trabalho, que eu não entendia o que estava fazendo. Qual era a lógica de desenhar um rosto e copiá-lo de uma fotografia? Existe sentido em desenhar algo que já existe? Encontrei na obra de Claudio Marra, *Nas sombras de um sonho*, um trecho bem específico, que o autor dialoga com as questões de modelo e desenho:

Voltemos por um momento ao acaso da moda e pensemos na diferença que pode existir entre o desenho de uma modelo trajando um vestido e uma fotografia da mesma situação. O que determina a diferença de funcionamento, e, portanto, de fruição, entre os dois tipos de imagem, não será uma maior ou menor semelhança com a realidade. A princípio, podemos supor que, se realizada por um desenhista hábil, a imagem manual poderia resultar muito semelhante à realidade, pelo menos tanto quanto à fotografia. O que, na verdade, difere entre os dois tipos de imagem é a modalidade de produção: uma em ausência, outra em presença. Parafraseando Krauss, poderíamos dizer que enquanto é possível desenhar uma modelo que não existe, que não está fisicamente presente diante de nós, não poderíamos certamente fotografá-la. (MARRA, 2008, pag. 30).

A ausência da pessoa que desenho é o que me permite trazer sua essência e história para o papel. Reconhecer que ela (a pessoa) não está ali, é entender o desenho como sua forma material e equivalente o fato de poder desenhar seus olhos, suas rugas, marcas, manchas e cicatrizes que me mostram quem ela é. São os mínimos detalhes. Na sua ausência, sei de coisas que talvez até ela não tenha notado. Um fio de cabelo branco, uma marca que uma roupa deixou. O saber de desenhar tem dois lados: a prática e a percepção. Esta que noto detalhes além da anatomia. Detalhes da vida, do tempo e daquele momento.

Fiquei um tempo sem desenhar. Mas logo voltei.

Só fui legitimar meu trabalho como palavra e imagem com uma conversa com a Professora Ana Lúcia Beck. Foi aí que as coisas fizeram sentido. Porque além de desenhar, eu sempre gostei de escrever. Unir os dois foi como poder respirar depois de anos trancada em um lugar obscuro e com o odor mais desagradável que se pode imaginar.

Foi em 2019 que coloquei em prática o primeiro indício de escrita e desenho (Figura 2) e não parei, já que o motivo de ter ingressado no curso de Artes Visuais, se deu ao fato de desenhar realismo.

No ensino médio, desenhava compulsivamente pessoas famosas e tinha uma professora naquela época que me dava muito apoio quando descobriu que eu praticava o realismo. Quero deixar o nome dela aqui, Professora Sheila Clarisa⁸. Mantenho contato com ela atualmente. E o Professor Eduardo Barbaresco⁹, que por meio da Sheila, me contou sobre a FARGO de 2018. Eu fui até a feira daquele ano com meu pai e o desejo de fazer arte aumentou como o impulso de um bebê arara pela sua mãe. Juro, me sinto naquela cena do filme *Rio* (2011) quando a arara azul mãe ajuda suas crianças a voarem. Foi, de fato, o ponta pé inicial para entrar nesse circuito.

Tomei gosto pela matéria de desenho do Professor Glayson Arcanjo e desenhei muito, muito, muito. Eu tinha entrado em uma espécie de paraíso atormentado. Tive muitos conflitos por só fazer realismo. Por um tempo, eu achava incrivelmente errado o que eu fazia. Ainda assim, continuei desenhando. Gostava de usar o lápis 8B e criar um desenho absurdamente preto e absurdamente claro ao mesmo tempo. Tinha um delírio por pequenos pontos de sombra e linhas de luz no corpo humano.

⁸ Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Goiás (2003) e especialização em Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão Educacional pela APOGEU – Centro Integrado de Educação Superior LTDA (2013). Tem experiência na área de História. Atualmente leciona no CEPMG – Dr. Cesár Toledo, em Anápolis.

⁹ Graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Estadual de Goiás (2004); licenciado em Educação Musical pela Universidade Federal de Goiás (2004); Bacharel em Piano pela UFG (2008), Mestre em Música pela UFG (2007); Especialista em Educação a Distância pela UnB (2011); doutorando em História pela UFG (2011).

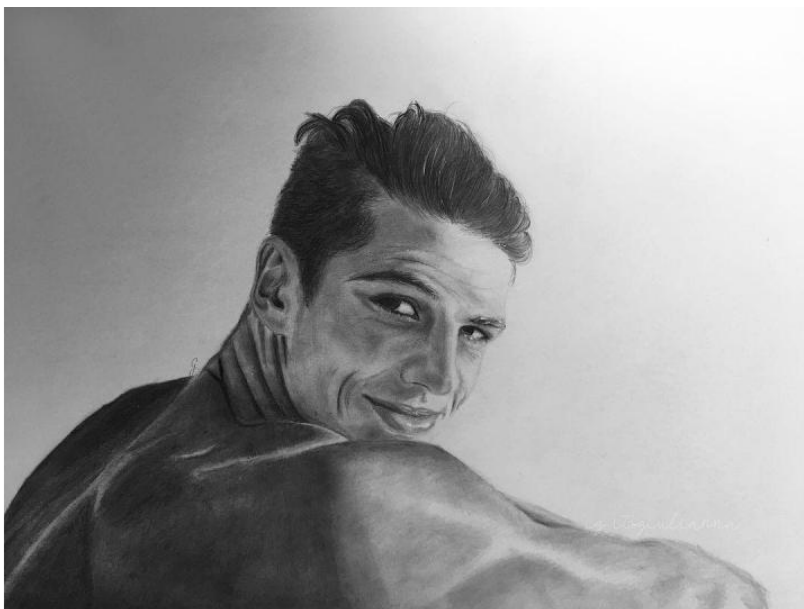


Figura 21 – Giulianna Vitto. *Nate Niehaus*, 2019. Grafite sobre papel. 29,7 cm x 42 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

É honesto o que digo: o desenhar para mim sempre foi e sempre será o meio mais próximo de conhecer o ser humano. É o olhar que conta histórias, a boca que diz palavras belas, o respirar quente que aquece o colo, o cabelo que tem formato e convida um carinho e a pele que tem cicatrizes e texturas do tempo. O que seria de mim não poder saber de nada disso? De não poder desenhar e deduzir histórias daquele ser humano? É suficiente. Por que me baseio tanto nessa frase de uma das cartas que Vincent Van Gogh enviou ao seu irmão Theo, que vivo para desenhar: “(...) & then I’ve got nature & art & poetry, if that isn’t enough, what is?” (VAN GOGH, 1984).

Esse é o único momento da minha prática que coloco os problemas da minha vida de uma maneira que não me fazem sentir dor. Penso em tudo e ao mesmo tempo em nada. A partir do momento que tracejo o papel com o lápis grafite, posso saber tudo e posso querer saber de nada. Os acontecimentos do mundo exterior, mesmo que significantes, rodeiam minha mente e permanecem anestesiados. Estou imersa, corrompida, sugada, e vou criando uma ligação com o desenho que vai muito além de planetas e silêncio.

Escuto música durante esse processo. Acompanho alguns favoritos e é um prazer nomeá-los. Zayn¹⁰, Taylor Swift¹¹, Paula Fernandes¹², Esteban Tavares¹³, são meus principais. Um adendo a escrita, é que eles também fazem parte desse processo também.

O fone de ouvido te coloca no seu lugar e daqui já fui para Marte e Saturno.

Agora entro em um ciclo eterno de desenhar, escrever, desenhar e escrever. É cíclico. Hoje, já não sei mais onde esse ofício começa e termina.

¹⁰ Conhecido como Zain Javadd Malik, assumiu seu nome como Zayn. Ele é um cantor britânico de R&B. Fez parte como integrante do One Direction, mas hoje segue carreira solo. Tem três álbuns lançados desde 2016.

¹¹ É uma cantora, compositora, produtora, roteirista estadunidense e diretora. Produz suas próprias músicas e as escreve de forma pessoal e autoral através de suas vivências e experiências pessoais.

¹² É cantora, compositora, escritora e arranjadora brasileira.

¹³ É cantor, compositor e multi-instrumentista. Já foi integrante de bandas como ABRIL e FRESNO.

CAPÍTULO 4: ROUBEI AS ESTRELAS DO SEU CÉU



Li muitos livros e poemas que falavam severamente de estrelas, o que me levou a ter um prazer avassalador e imparável de escrever sobre essa temática. Já perdi as contas de quantos poemas escrevi que falavam de estrelas cadentes, oscilações, brilhos, pó de estrelas, cinco últimas estrelas pelo céu da manhã, estrelas feitas de aço. Não foi muito difícil começar a desenhá-las gradativamente nos meus cadernos. Se tornou uma obsessão e eu temo que tenho roubado alguma parte delas do céu.

O saber é o que envolve, mais uma vez, esse ato.

Acho que nunca toquei o céu como tenho feito agora, quando desenho as estrelas da noite no papel cor de marfim e posso contar seus dez traços. Eu posso traçá-las através dos meus dedos, da ponta da caneta e simplesmente saber que para se fazer uma estrela eu preciso de dez linhas e um desejo. E me tira ansiedade nesse ato, de tocar cada uma, desenhar cada uma e senti-las.

Retomando ao uso obsessivo de cadernos de artista, ele se deve ao ato de desenhar as estrelas e escrever sobre elas neste. Começou no começo desse ano e desde então nunca mais parei.



Figura 22 – Giulianna Vitto. Caderno de artista, 2021. Caneta sobre papel. 21 cm x 14,8 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

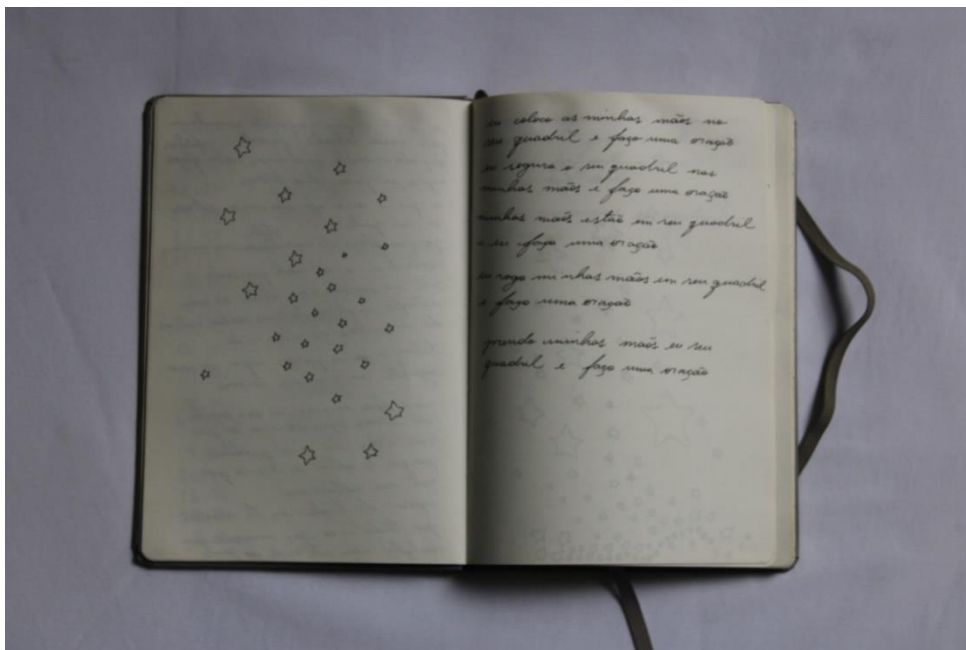


Figura 23 – Giulianna Vitto. Caderno de artista, 2022. Caneta sobre papel. 21 cm x 14,8 cm.

Fonte: Arquivo pessoal.

E em 2022, trouxe as estrelas para papéis maiores, usando o bom e velho nanquim e, obviamente, meu pincel favorito.



Figura 24 – Giulianna Vitto. 2.512.192.814, 2022. Nanquim sobre papel pergaminho. 70 cm x 48cm. Fonte: Arquivo pessoal.

Retorno a procurar indícios do que as estrelas fizeram desse processo um ato compulsivo e desenfreado. Há anos tenho um perfil naquela rede social de imagens (e que também contém palavras), o Tumblr. Sempre ando *reblogando* imagens que tem capturado minha atenção com qualquer tipo de assunto. Acredito que estava procurando por noites estreladas, algo nessa linha de estrelas. Apareceu uma imagem de um livro, chamado *The Book of Knowledge* (1912), com muitas estrelas, mostrando a posição do sol e o alinhamento dos planetas. Isso foi em setembro de 2022. Parece mil anos. Tomo isso como referência, como tomo água todos os dias.

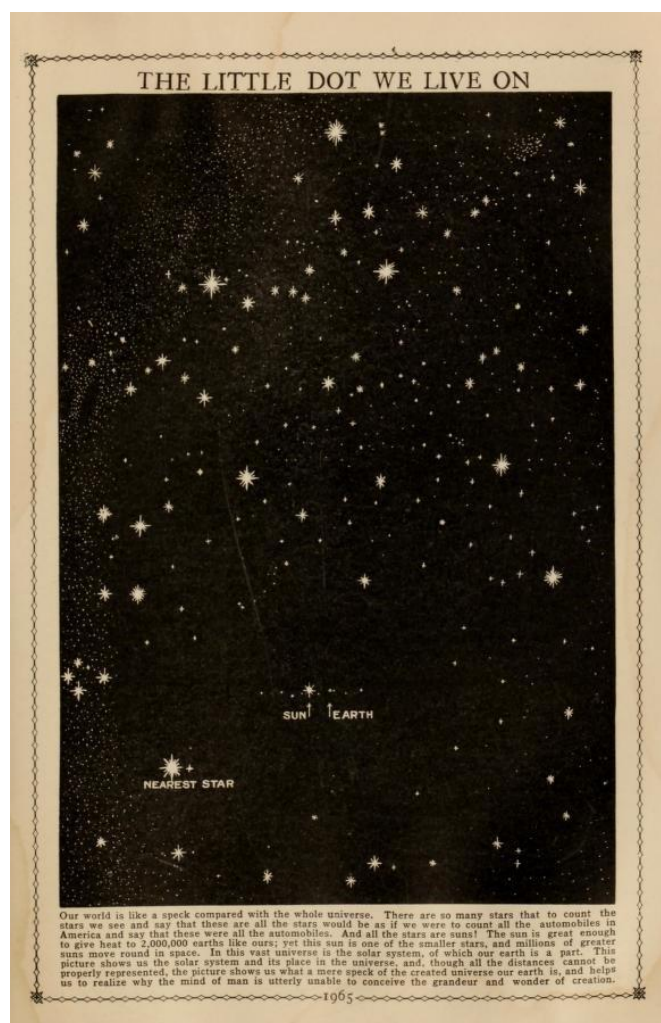


Figura 25 – Arthur Mee, Thompson Holland. *The Book of Knowledge*, 1912. Página 1964.

Fonte: <https://archive.org/details/bookofknowledge07mee/page/1964/mode/2up>. Acesso em 3 de janeiro de 2023.

Na tipografia, com as vinhetas, assim que me apontaram as gavetas que continham infinitas, incontáveis e inúmeras vinhetas de todos os tamanhos de estrelas, não perdi tempo compondo trechos de meus poemas que falavam sobre estrelas.



Figura 26 – Giulianna Vitto. Composição tipográfica no Ateliê Tipográfico, 2022. Fonte: Arquivo pessoal.

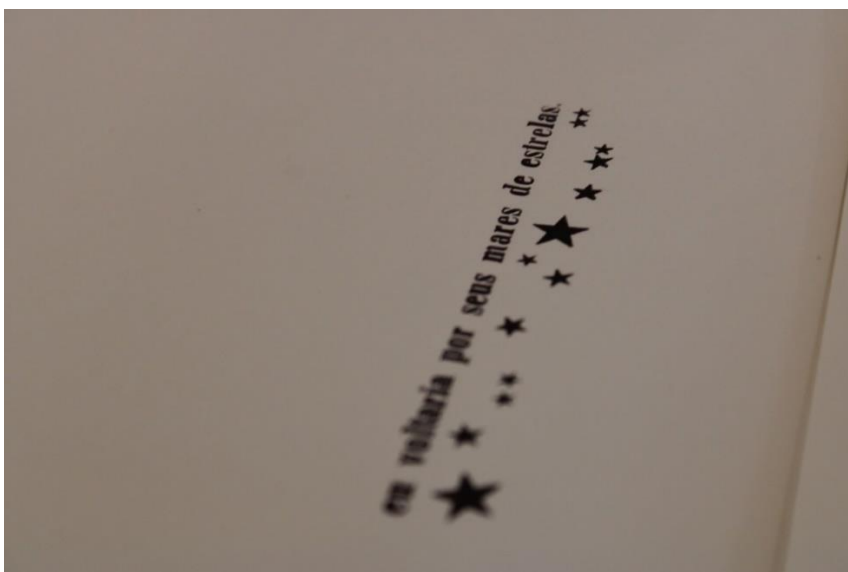


Figura 27 – Giulianna Vitto. Página de livro de artista, 2022. Tipografia sobre papel marfim. 38 cm x 57 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

E passar o papel na prensa me garantiu texturas. As estrelas *têm* textura e além de poder tocá-las enquanto as desenho, eu posso *senti-las*.



Figura 28 – Giulianna Vitto. Página de livro de artista, 2022. Tipografia sobre papel marfim. 38 cm x 57 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

CAPÍTULO 5: BORDEI PARA PODER GUARDAR

Eu só comecei a bordar porque eu precisava de uma matéria extra para contar horas. Nunca, em um bilhão de anos (sim, eu já vi dinossauros), imaginaria que estaria bordando. Um pequeno adendo que sempre tive vontade de costurar, mas não imaginava bordar, de fato.

No sétimo período, estava precisando de um núcleo livre para completar minhas horas, então eu fui atrás de alguma matéria que julgasse ser interessante para colocar em minha grade. Lá estava a “Oficina dos Fios”, ministrada pela querida Professora Alice Fátima Martins. No início, eu só precisava de horas. Nas semanas que se passaram, eu soube que teria um capítulo narrando meu processo com bordado. Preciso dizer que todo aquele tempo, posso afirmar que foi o melhor ambiente para se aprender a desembolar os nós da vida.

Inicialmente, era para mim, Nathália Bastos¹⁴ e Maria Luiza Ferreira¹⁵ fazermos essa matéria juntas. Apenas Nathália e eu conseguimos a vaga e durante metade da matéria. Nathália precisou sair. Então minha alma e Deus, a professora e a turma, permanecemos.

Foram os meses mais entrelaçados da minha existência com o fio e a agulha. Minha mãe comprou as linhas para mim e um bastidor de madeira. Senti o propósito de estar praticando mais outra coisinha artística que, mais tarde, geraria fios soltos e nós.

Nunca tive inclinação para essas coisas, o que torna a explicação seguinte curiosa. Minha avó Adélia sempre costurou e minha mãe, sempre fez crochê. Nesses infinitos diálogos que tenho com a minha mãe, ela me contou que sua irmã Suely, aos quinze anos, bordava. Juro, uma chave destrancou vinte e cinco

¹⁴ Nascida em Goiânia, é estudante de Artes Visuais pela FAV-UFG. Ingressa desde 2019, seus trabalhos são voltados para a colagem, além de colecionar objetos. Gosta de miudezas, origamis, montar coisas e livros infantis.

¹⁵ Conhecida também por Luiza Ferreira, é natural de Nerópolis e estuda Design de Moda pela FAV-UFG desde 2022. Se interessa por produção e editoria de moda.

mil portas no meu coração. Lá estava ela, e essa foi a primeira vez que a vi, parada do outro lado.

Guardo o bordado dela dentro de um saquinho. Um dos registros que minha mãe ainda tem.

Escrever essas coisas agora me faz pensar no título desse capítulo, que, conseqüentemente, é o título de séries de bordado que se desenvolve a cada dia. Não sei se o nome dessa série veio depois que conheci um garoto e bordei seu nome para lhe dar de presente, ou se veio antes. Inclusive perdi esse bordado uma vez e refiz e agora perdi de novo. Sinais do universo...

Antes de entrar na matéria, eu já tinha José Leonilson em mente. Ouvi muito dele nas aulas da Professora Ana Lúcia Beck e quando li um de seus artigos falando sobre as questões de arte e vida dele, muitas coisas, um bilhão de coisas, infinitas coisas, fizeram sentindo no que eu andava fazendo e falando nos meus trabalhos.

Eu sei que ele tende a anotar coisas em seu caderno que mais tarde tornam-se obras e eu tenho essa mania. E eu sei também que chega um momento que ele não consegue mais separar as questões arte e vida de seu trabalho e eu sinto que deixei muitas questões pessoais tomarem conta de muitos trabalhos que jurei não acontecer. Olhar para *Empty Man* é ver um pouquinho do que eu faço refletido nele (autor e obra). Sinto que olhar para essa obra agora é uma relação muito pessoal e íntima que criei com esse trabalho. Com certeza ele se sentava em algum lugar específico e bordava rodeado por coisas que gostava ao seu redor ou apenas pelo prazer de estar bordando. Outro ponto é que a maioria de suas obras tem o bordado em linha preta e esta aqui está em vermelho. José Leonilson me instigou a bordar em colorido.

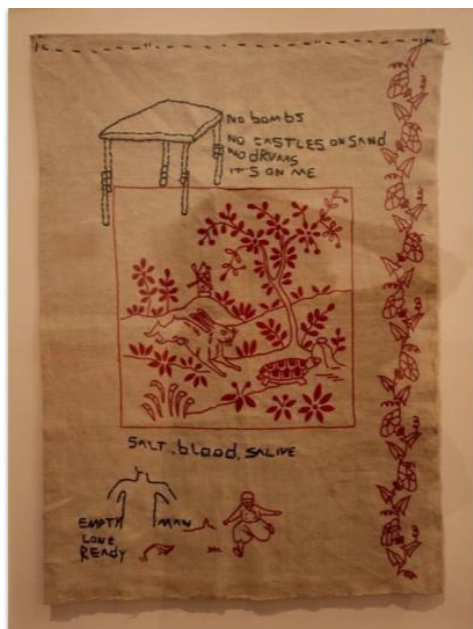


Figura 29 – José Leonilson. *Empty Man*, 1991. Bordado sobre tecido. Coleção particular. Fonte: <https://harddecor.com.br/leonilson-na-pinacoteca-em-sp/>. Acesso em 27 de dezembro de 2022.

Pois, mais tarde, comecei a bordar em colorido.

Agora, abro espaço para falar sobre arte e vida. Escrevo sobre amor, majoritariamente. Amores acabados, iniciados, não ditos, não vistos, amores falados, passados, antigos, recentes. Eu simplesmente gosto dessa temática. Ora falo de mim, ora falo do outro. Mas não deixo de forma explícita quem é quem.

O bordado foi um meio de materializar isso de uma forma específica, onde me questiono: o que eu bordo que quero tanto guardar?

Poderia passar horas pensando sobre e nunca teria uma conclusão exata. A que posso chegar mais próximo agora é dos desejos de um amor que me faria guardar um pouquinho dele no ato de bordar. A partir do momento que eu coloco a linha na agulha e vou fazendo o ponto atrás, para que tanto na frente e atrás, tenha duas versões do que quero guardar, esse bordado entrelaça, cria nós, linhas, formas e voltas de um sentimento que se funde na materialidade. Eu poderia dizer também que o que vivi está bem ali, bordado em algodão cru. Guardado entre linhas, tecidos e nós.

Gosto das texturas. Quando pego o tecido e eu desenho os dedos no bordado, vejo os relevos da linha.

E vai soar contraditório, mas coloquei três bordados em molduras. Olho para elas na parede e fico pensando se faz sentido.

Para dizer sobre o colorido, fiz um bordado de uma frase sobre amor. É a tradução, em árabe de “eu amo você”, sem precisar colocar nessas palavras. Me senti muito influenciada pelo *Empty man* de José Leonilson¹⁶ e porque minha mãe sempre me questiona sobre eu ter todos os meus trabalhos em preto e branco.



Figura 30 – Giulianna Vitto. *existe amor*, 2022. Bordado sobre algodão cru. 16 cm x 27 cm.

Fonte: Arquivo pessoal.

Bordar esses sentimentos é o momento para me esquecer deles, pois sei que estarão ali para sempre. Difícil seria não falar. Tem coisas que precisam ser ditas, mas faço isso de forma indireta, como eu disse. Quando termino o trabalho e outro lê, já não é mais tão meu.

¹⁶ Também José Leonilson Bezerra Dias, foi um pintor, escultor, desenhista e bordador brasileiro. Nasceu em 1 de março de 1957, em Fortaleza, Ceará. Faleceu em 28 de maio de 1993 em São Paulo.

Essa questão de arte e vida para mim é o meio que posso caminhar e colher o que eu achar necessário. É uma das ferramentas que tem dentro da minha caixa. E eu já perdi as contas de quantas vezes me perdi nessa volta de não saber onde começa e termina. E também não sei separar esse viés de arte e vida. O mesmo acontece com Leonilson. Ele enfrenta dificuldades para localizar uma separação entre arte e vida (BECK, 2019). Então borda e pinta e desenha e incorpora os elementos verbais em suas obras.

Sinto que quando faço isso, não somente no bordado, entro em uma dimensão tão profunda de produção de arte (materialidade, linha, papel, nanquim, canetas, cadernos, bordado, desenho) e vida (problemas pessoais, desamores, amizades, romance, fantasia), que se eu não voltar para a superfície as vezes, me afogo. Voar muito alto às vezes faz as asas doerem.

Durante aquele período de aulas na Oficina dos Fios eu participei do coletivo na Galeria da FAV, organizando pela Professora Alice Fátima Martins. Muitas apresentações e convidados estiveram por lá, e naquele mês, bordei meu nome e iniciei outro bordado em tricolore verde. Utilizei linha branca dessa vez. Por estar muito imersa nessas questões de vida, abordei um tema que escrevo de várias formas. Ora falo de amores que ultrapassam vidas, espaço e tempo, que decidi falar sobre morte. Durante o coletivo, muitas pessoas convidadas, falaram de suas questões pessoais, oferendas e arte. Eu tinha aquele poema guardado há meses. Acho que li muito aquela dedicatória de Memórias Póstumas de Brás Cubas: “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas” (MACHADO DE ASSIS, 1881).

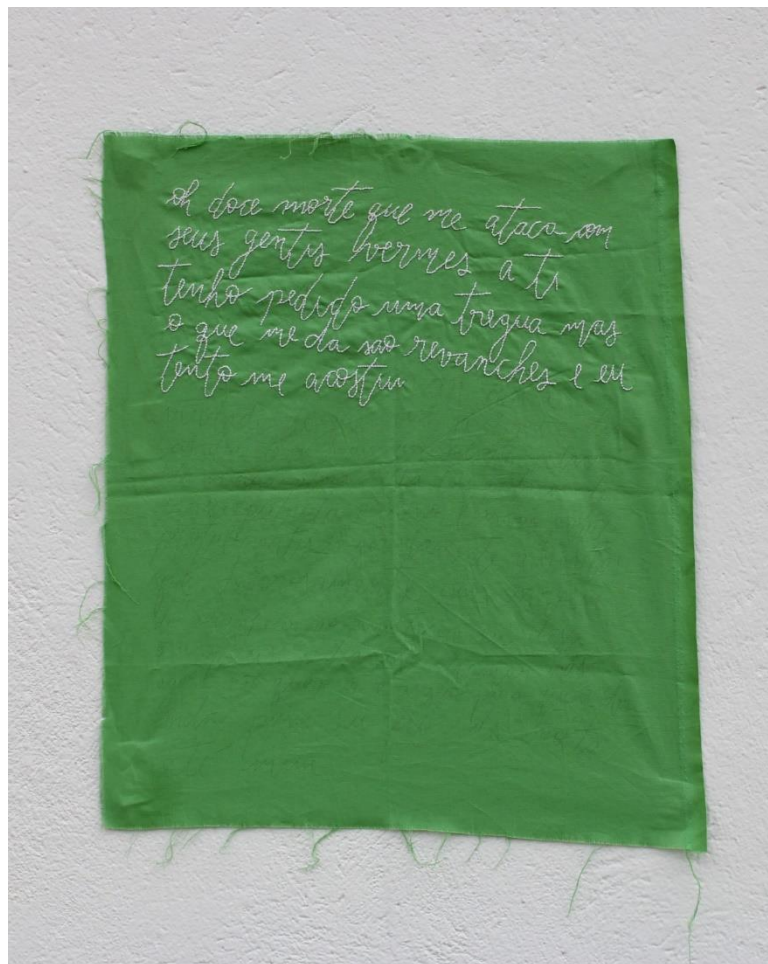


Figura 31 – Julianna Vitto. *doce morte*, 2022. Bordado em tricoline. 50 cm x 43 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

E os bordados de Candace Hicks¹⁷ também que carrego como uma referência que gosto muito de olhar quando passeio pelo seu site. Ela é uma artista que tem uma série de bordados que são cadernos de tecido, com escritos e formas e figuras de todos os jeitos. É possível entender que são cadernos de anotações. Observo seu trabalho com fascínio e choque também, pela rapidez com que borda. Certa vez, li um comentário da própria artista em seu Instagram que dizia que ela levava cerca de duas semanas nas partes escritas de seus livros bordados.

¹⁷ Cria instalações interativas e livros de artista que examinam gênero, voz e universos paralelos por meio da análise da literatura ficcional.

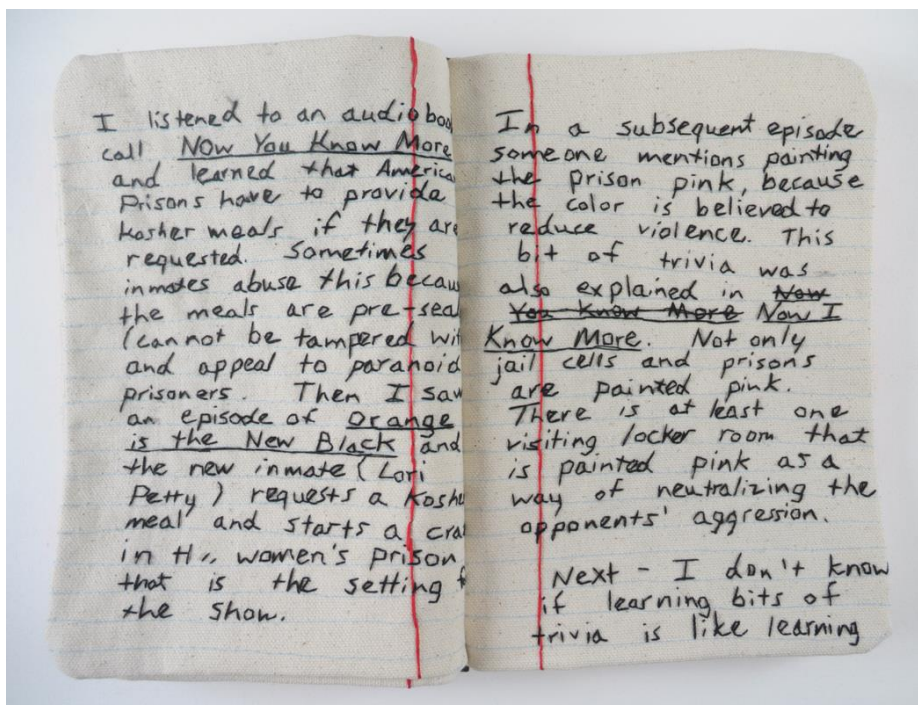


Figura 32 – Candace Hicks. *Common Threads*. Série contínua. 6"x9"x1 (fechado). Fonte: <https://www.candacehicks.com/books.html>. Acesso em 23 de janeiro de 2023.

Esse trabalho seguinte, é um poema que escrevi em fevereiro de 2022. Geralmente não dato quando escrevo meus textos e poemas, mas ultimamente tenho feito e ganhado um pouco de consciência, porque às vezes sinto uma volta ao passado, naquele período de tempo. Bordar isso só intensificou as sensações da época, uma vez que agora estão guardadas. É um dos meus primeiros vestígios com a obsessão de estrelas. Não está concluído e temo que talvez não o termine nunca. Gosto de pensar em trabalhos inacabados. Como se pudessem dizer bem mais do que ali está, do que não foi finalizado.

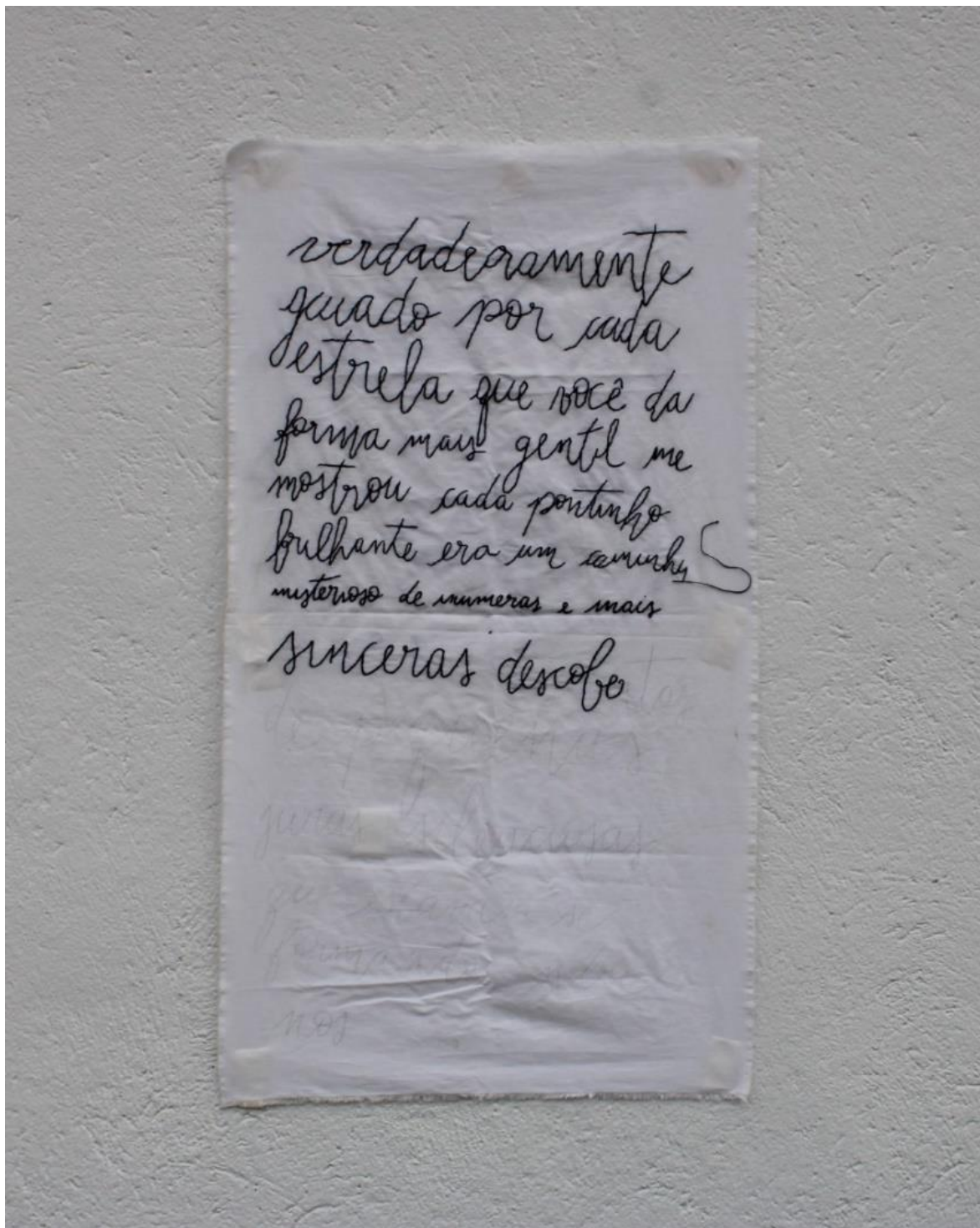


Figura 33 – Giulianna Vitto. *vênus*, 2022. Bordado em tricoline. 77 cm x 43 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

Dentro do bordado eu aprendi a costurar as páginas do livro com a Fron. Nesse dia era aula de laboratório e ficamos uma manhã com as explicações detalhadas

do conhecimento dela. A Nathália Bastos também aprendeu a costurar junto comigo e foi uma manha bem divertida (e estressante também, já que levei algumas horas para pegar o jeito).



Figura 34 – Processo de costura do livro, 2023. Fonte: Arquivo Pessoal.



Figura 35 – Processo de costura do livro, 2023. Fonte: Arquivo Pessoal.

EPÍLOGO

Entrar dentro do seu trabalho de forma compartimentalizada é não saber a volta para casa muitas vezes. Digo isso porque me perdi várias vezes e eu sei que vou continuar me perdendo e encontrando os novos e os velhos caminhos.

Quando decidi que tinha apreço por desenhar, queria caprichos para bons trabalhos e conseqüentemente para saber desenhar realismo. Na escrita, para lembrar de palavras e escrever poemas e livros que falassem de romance com minhas caligrafias. O bordado, apesar de ser para ter preenchido hora complementar, me serviu para guardar entre nós e linhas memórias e palavras de todos os jeitos.

A palavra e a imagem encontraram seu devido lugar no meu processo artístico e pesquisa no momento que eu mais precisava de uma bússola e um norte para *me* encontrar. Eu sempre encarava o desenho como totalmente dentro de uma gaveta titulada “para desenhar”. Nunca quis que o desenho tivesse contaminação da escrita. O mesmo cabe a escrita, pois achava que era motivo de nunca mostrar a ninguém por não acreditar que isso valia como parte de meu processo artístico. Poderia levantar inúmeras discussões quanto a essa jornada, especialmente no descobrir a palavra e imagem como o que eu fiz nesse TCC e irei continuar fazendo.

A imagem para mim sempre foi ver a essência das pessoas. Desenhar o que estava na minha frente e interpretar sua pele e história e reconhecer o que tem por trás. Desenhar essas pessoas ao longo de todos esses anos foi o caminho que eu precisava para tramar imagem e palavra. Foi a ponte e será a ponte. Primeiro porque trouxe a escrita para o desenho e depois a escrita para a imagem. Sempre penso que no meio disso tudo essa ordem se perdeu e os fatores não foi alterado. É divertido pensar assim. Por algo que começou na infância e foi se desenvolvendo até agora.

Isso me leva ao processo conseqüente de querer produzir um outro livro.

Eu sempre escrevi romances e até cheguei a terminar um. Os cadernos de artista também são a mesma coisa. Cinco no total (e mais por vir). Essa vontade de escrever livros me trouxe ao que eu queria desde o início de TCC sempre foi um outro livro. Encaro este como parte de meu processo e de tamanha importância. Ele foi um encontro de tudo o que sempre gostei de produzir e ali armazenei dia após dia. Eu juntei, uni, dividi, coloquei, inseri tudo o que abordei em cada capítulo ora separado, ora contaminado. Dentro, é claro, de minha pesquisa em imagem e palavra. Foi um processo que me trouxe lágrimas, alegrias, trocas em ateliês, conversas com meus pais, ajuda deles, conversas e ajudas com amigos (a Fron que também produz livro de artista e me ajudou muito na encadernação).

Quando pensei em um livro para o TCC, achei que faria um livro de romance com uma história por trás, roteiro e personagens. As coisas não fugiram do controle, elas apenas foram consequências interessantes. Não percebi que estava com os mesmos cadernos de artista que sempre fazia, só que agora em um tamanho gigante. Um elemento aqui e ali adicionado, e eu reuni minha pesquisa em mais um caderno.

O processo é o que garante a verbalização do lembrar e escrever, saber e desenhar e bordar e guardar. Por enquanto, pois sei que tenho encontrado outros labirintos nesse processo que tem chamado a minha atenção, é claro, e alguns que permaneceram dormentes durante este processo. Acho interessante pensar nisso, pois retomo a ideia da caixa de ferramentas de Stephen King. Durante todo esse tempo, tenho carregado uma caixa com tantos materiais (às vezes literalmente), tantas ideias e sonhos que me garantem somente o que a arte pode me proporcionar.

É claro, com altos e baixos e experimentações. Digo isso, pois muitas coisas deram errado, como inúmeros papéis que escrevi em nanquim que troquei a ordem de palavras ou as estrelas que coleí com fita e que provavelmente vão ficar amareladas com o tempo. É uma espécie de reconhecimento, agora, perceber o que provavelmente se encaixaria melhor, como costurá-las, por exemplo. E os altos, que foram as partes de fazer morada dentro do meu processo, de escrever bons poemas, de passar cada um deles para o papel e

poder desenhar faces conhecidas e desconhecidas e saber o que seus rostos carregam. Aconteceram momentos estressantes em que a tipografia deu errado pois troquei algumas letras de lugar como o P e B e até momentos em que a folha na prensa chegou a rasgar. Momentos que descobri um apreço por desenhar a caligrafia e perceber uma outra versão não só de desenhar rostos, mas desenhar as palavras na caligrafia torneada. Muitas vezes que sentia um alívio nos pulmões de estar produzindo sentada na cadeira de meu quarto folhas e mais folhas de histórias, ora no cavalete, ora na mesa, tão imersa e sedenta pela produção que nada mais ao meu redor importava.

A justificativa é única: *Porque eu gosto.*

A vida é dura demais e colocá-la na arte amolece de um jeito doce. E lá estava mel no meu processo e vontade e palavras e romances e segredos para serem lidos, vistos e sentidos.

Acredito que muito do que planejei fazer veio como influência do meio para o fim (que está mais para o começo) de tudo. Houve consequências, obviamente, positivas disso. O fato de estar perdida e não saber mais o que produzir e um tempo depois ter uma caneta e um papel na mão que me brotavam ideias, tal qual ervas daninhas.

Destes processos, há muito o que aprofundar e essa pesquisa e todo esse universo de investigação existe um céu vasto para se observar. Sei que há espaços dentro da tipografia que conversam com meu trabalho na relação de fontes dentro de imagem e palavra, assim como na imagem pensando nos desenhos realistas. O livro principalmente, já que penso em outros volumes e novas investigações de materialidade como um volume apenas de bordado ou apenas de caligrafia.

É importante ressaltar a percepção que essa pesquisa trouxe em um olhar mais brando do que eu sempre tive costume de fazer. Só não sabia colocar em palavras o que eu estava fazendo. O objetivo sempre foi desenhar e escrever, só não entendia essa perspectiva como uma relação que poderia não ter meio e nem fim. E isso é incrível. Eu tenho uma posição agora que me dá o que eu gosto

de fazer e que posso aprimorar isso em outros campos. O bordado foi um deles, especialmente.

Desde o princípio da descoberta do que faço, minha vontade certa e inclinada foi produzir trabalhos sobre isso e durante essa pesquisa, investigar de uma forma mais profunda o que eu fiz. Eu produzi, eu investiguei e alavanquei meu processo. Tomando conhecimento do que eu sou e do que eu posso ser: *imagem e palavra, estes que me fazem lembrar, saber e guardar.*

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. 4. ed. Prefácio de Abel Barros Baptista. São Paulo: Globo Livros, 2008.

BECK, Ana Lúcia. **O Gesto Poético – Uma reflexão a partir da produção de Louise Bourgeois, José Leonilson e William Yeats**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Goiânia: Universidade de Goiás, 2019. P.520-538.

BECK, Ana Lúcia. **José Leonilson e a Poesia na Fissura**. Palíndromo, v. 11, n. 24, p. 12-27, maio 2019. Disponível em: <https://www.academia.edu/68898395/Jos%C3%A9_Leonilson_e_a_poesia_na_fissura>. Acesso em 23 de mar. 2022.

BLACK, Holly. **Como O Rei de Elfhame Aprendeu a Odiar Histórias**. Tradução: Regina Winarski. 2ª ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2021.

DERDYK, Edith. **A narrativa nos livros de artista**: por uma partitura coreográfica nas páginas de um livro. Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG, vol. 2, n.3, 2012, p. 5, Universidade Federal de Minas Gerais.

DERDYK, Edith. **Disegno. Desenho. Desígnio**. São Paulo: Senac, 2007.

FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil** (“O Homem do Lobos”), além do princípio do prazer e outros textos. O Inquietante (1919). Tradução: Paulo César de Souza. Vol. 14. São Paulo: Companhia das letras. (P. 329-379).

HERBERT, Frank. **Duna**. Tradução: Maria do Carmo Zanini. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2017.

JOYCE, William. **Sandman e a Guerra dos Sonhos**. 1. ed. Tradução de: Viviane Diniz. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

KING, Stephen. **Sobre a escrita**: a arte em memórias. Tradução: Michel Teixeira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

KLEON, Austin. **Roube como um artista**. 10 dicas sobre criatividade. Tradução: Leonardo Villa-Forte. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

MALIK, Zayn. **Zayn**. 1. ed. Tradução de: Carolina Caires Coelho. São Paulo: Paralela, 2016. 286 p.

MARRA, Claudio. **Nas sombras de um sonho**: história e linguagens da fotografia de moda. Tradução: Renato Ambrósio. São Paulo: Senac. 2008, p. 24.

MAYER, Ralph. **Manual do artista**: de técnicas e materiais. Tradução: Christine Nazareth. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MEE, Arthur; THOMPSON, Holland. **The Book of Knowledge**. 7. ed. Nova York: New York, The Grolier Society, 1912. 2189 p. 17 v. Disponível em: <https://archive.org/details/bookofknowledge07mee/page/1964/mode/2up>. Acesso em: 03 jan. 2023.

MORAIS, Frederico. **O Diário de Frida Kahlo: Um Autorretrato Íntimo**. Tradução: Mario Pontes. Introdução: Frederico Morais. 4^a. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

NANNINI, Priscilla. **A gestualidade na obra de Edith Derdyk: Da linha ao livro de artista**. Encontro da Anpap, 2018, p. 3002-3016, setembro 2018. Disponível em:

http://anpap.org.br/anais/2018/content/PDF/27encontro_NANNINI_Priscilla_Barranqueiros_Ramos.pdf

ROGERSON, Margaret. **O Encanto dos Corvos**. Tradução de: Sofia Soter. São Paulo: Literalize, 2021.

SCHWAB, V.E. **A Vida Invisível de Addie LaRue**. Tradução de: Flávia de Lavor. 4. ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2021.

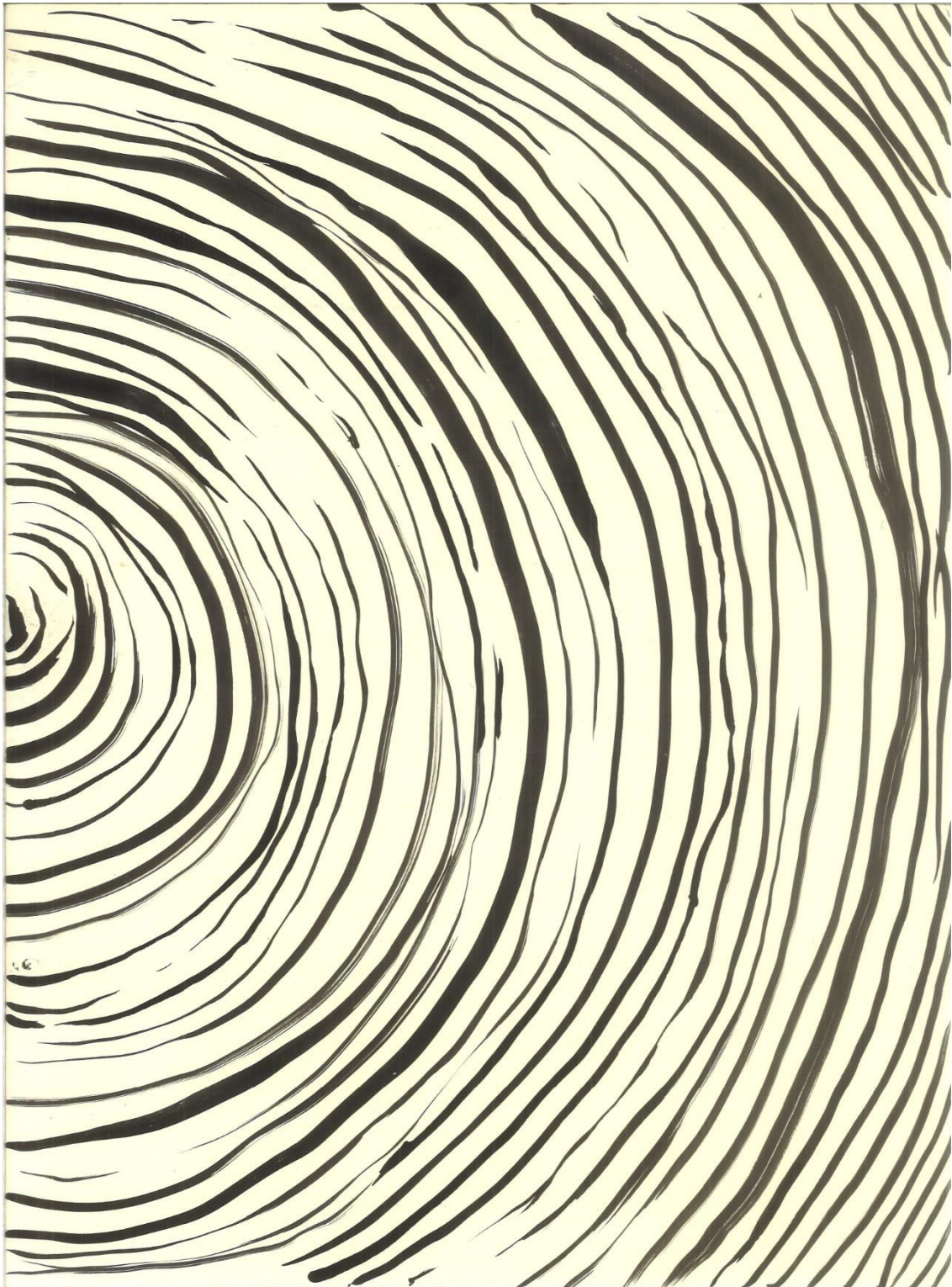
WHITE, Kit. **101 Lições a serem aprendidas na escola de artes**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

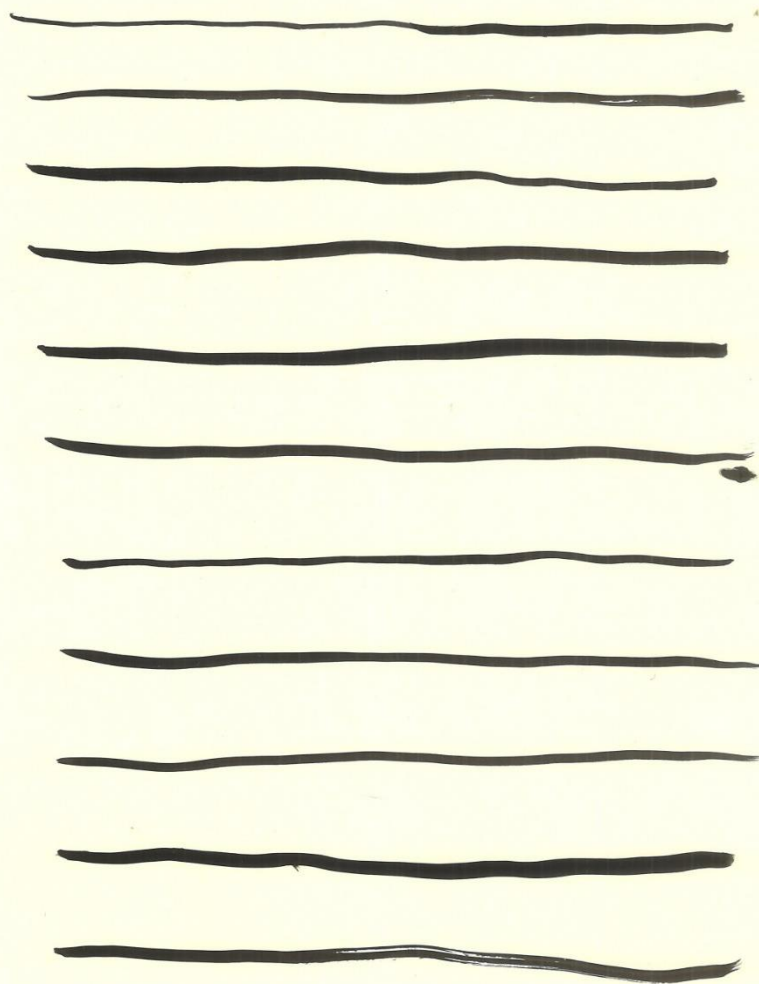
YOUNG, Fernanda. **A Mão Esquerda de Vênus**. 1. Ed. São Paulo: Globo Livros, 2016.

ANEXOS

porque lembro,
sei e
guardo







quando paro de
volar, é como
sentir as asas
sendo cortadas
não me ~~pos~~ per-
mitindo mais voar.

Tudo parte da imaginação,
que parte de uma ideia, que
quando criada, permanecerá.
Então eu sou coisa
porque é meu único
propósito nesta
Terra

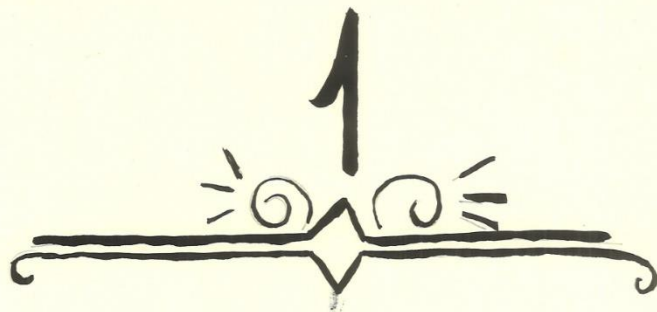
prólogo




escrevi para
poder lembrar
desenho para
poder saber
o nome para
poder
guardar

"As mensa-
gens agradã
veis Idai
num milhão
de línguas;
mas Idai
Xai quē

as infam
tas ocor
rências se
anunciam
por si,
quando "
Osentidas.
William Shakespeare



ra
segredo

Tenho lhe conta
do segredo para
que você os guarde
e saiba que
são juras do que
correm pelas
minhas veias por
você. Não existe
um jeito de me
dizer o que sinto
to a seu respeito

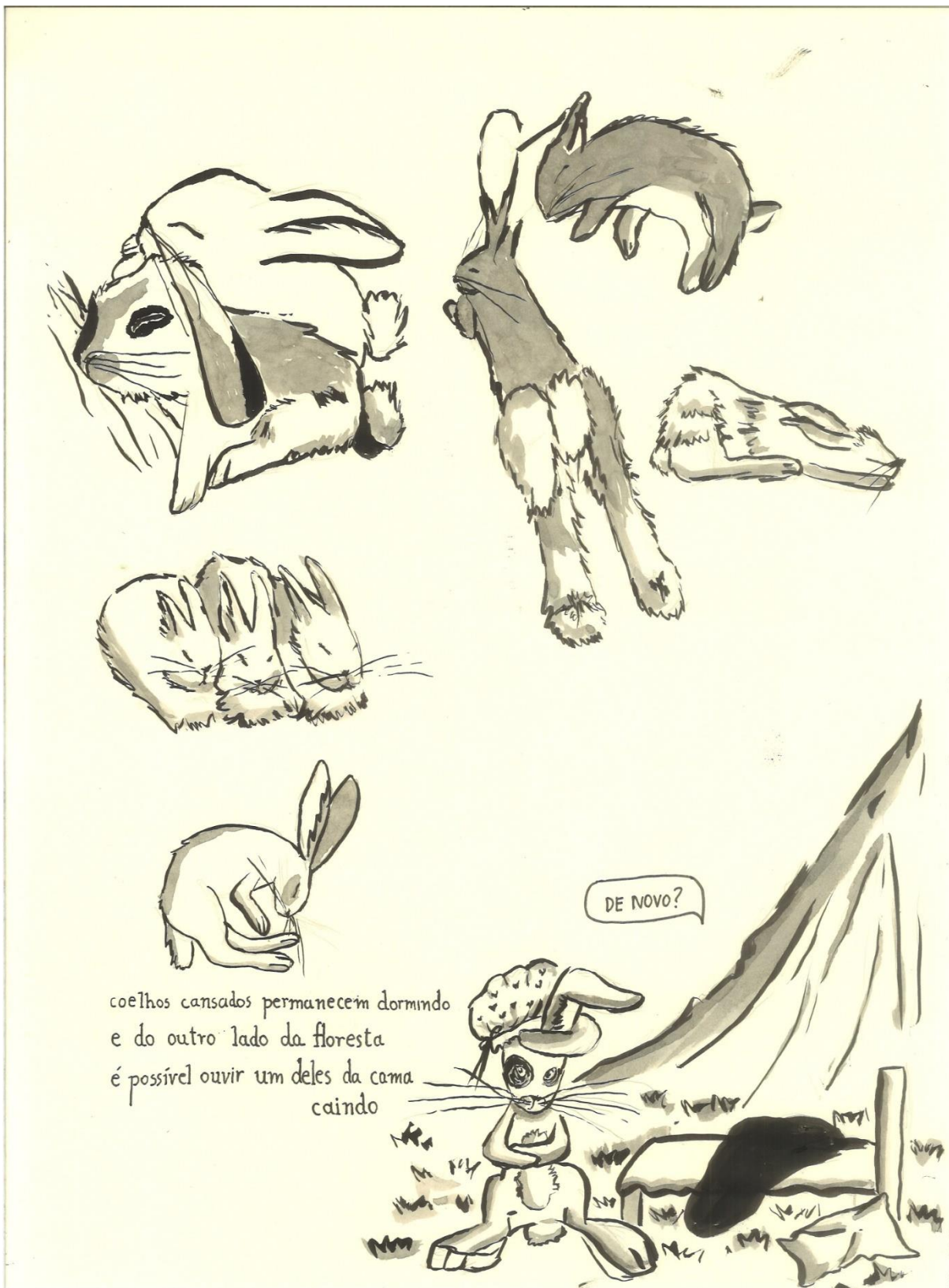
ao que me cega
ao que me faz
não respirar
ao que me que
brida e maldade
dorso e dolo
roso. e pro
fundamente
atormentado

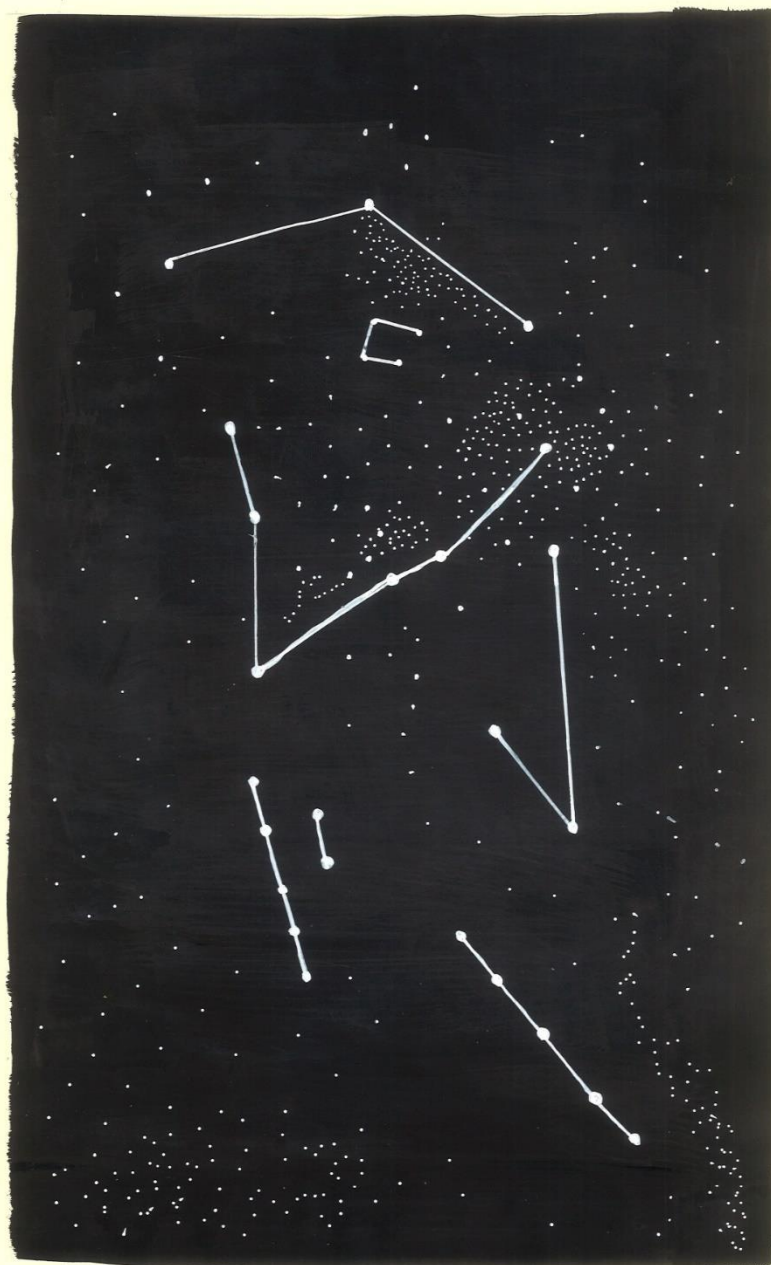
pelo que abraça
o meu peito
meu coração
minha alma
que carrega
O humilde o
que para sempre
te pertencem
a minha eterna

devocão que
clama todas
as noites que
você me tem
sabendo que eu
sou o que está
para você marca
do como ferro
como seus dedos
no meu quadril
que cravam
Da dor mais

profunda
que você é capaz
de fazer
quando diz
susurrando
que morreria
por mim

interlúdio



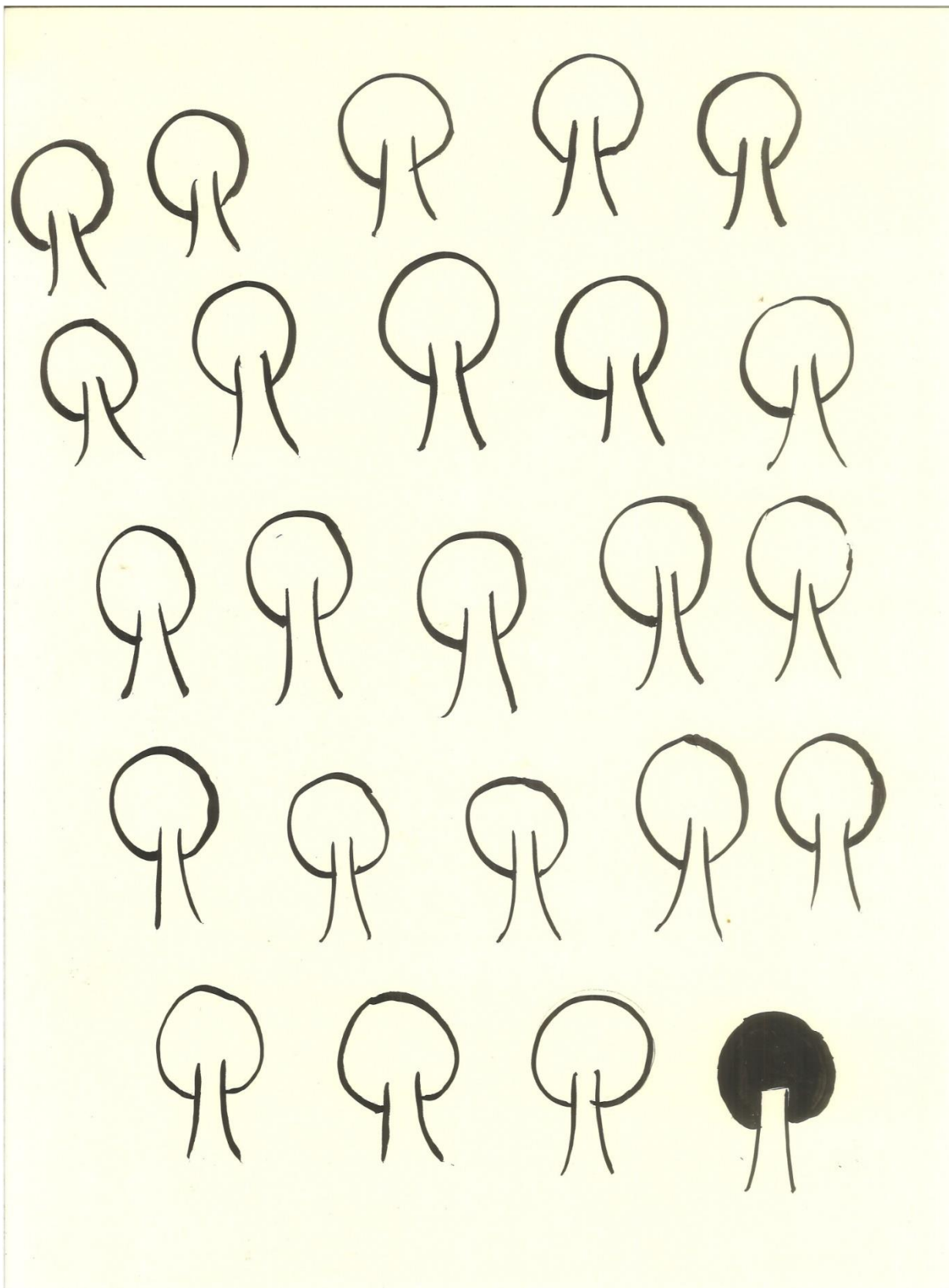


existem animais que moldam o céu
 noturno e brincam enquanto dormimos
 ao sobrevoadarem as árvores e cantarem
 lendas para as estrelas

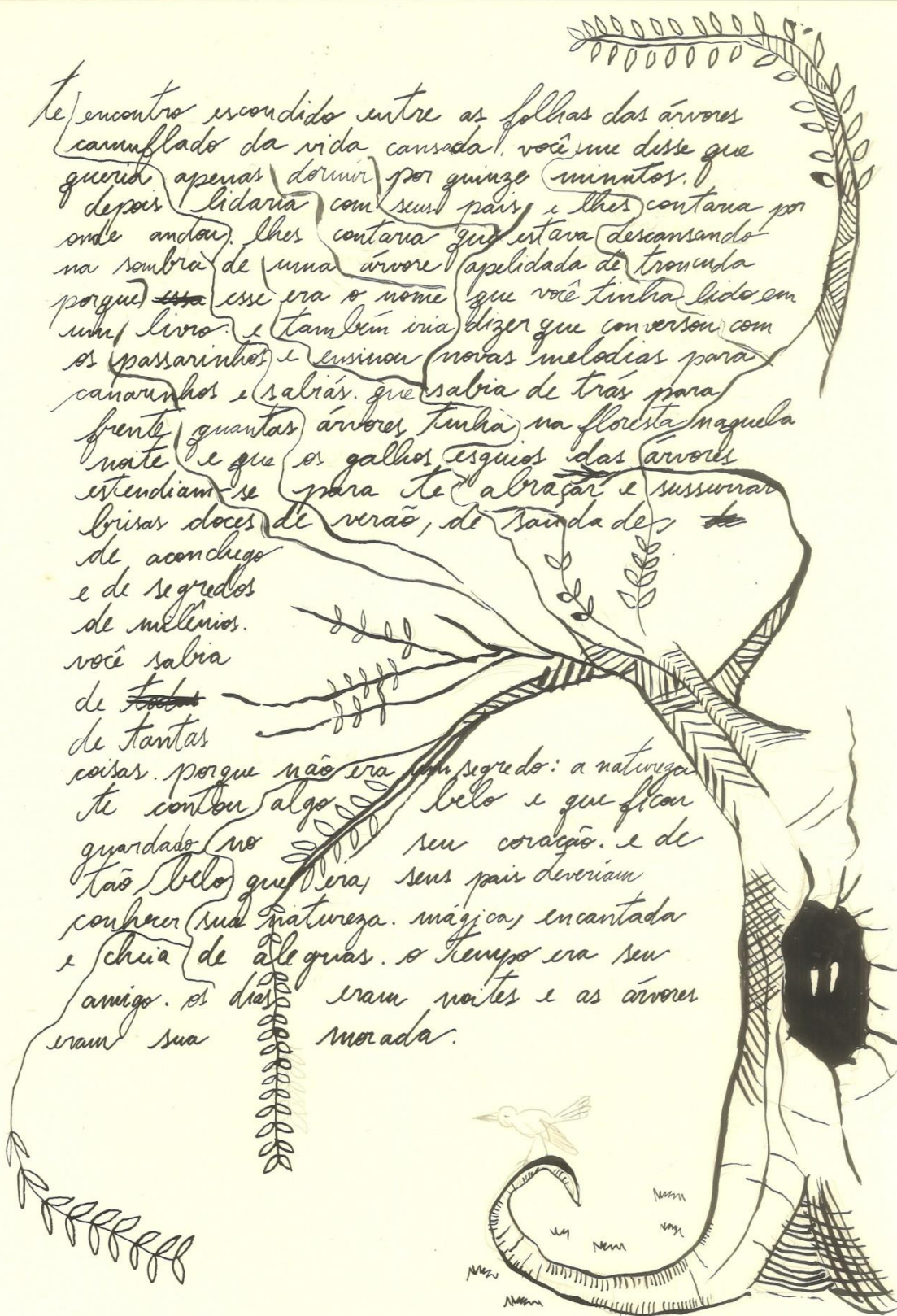
que os
 brilhantes
 vento que
 fazem
 um pequeno
 nas galáxias
 se movem para
 milímetros
 se tornem
 mores cegos ou
 ninguém
 se você se for
 ou estiver len
 o movimento
 um dedão
 deve pegar
 e lhe fazer
 um, dois, três
 uma linda
 canção o
 céu de
 doces e

de
 pontinhos
 sintam o
 suas asas
 causando
 estrondo
 as estrelas
 que, por
 de segundos
 cometas ou
 sapinhos.
 ve, exceto
 de insônia
 do uso e tiver
 necessária - ou seja
 ou uma fada
 em sua mão
 dar risadinhas
 e você terá
 chance de
 ver dadas
 estrelas
 cintilantes





Te encontro escondido entre as folhas das árvores
 camuflado da vida cansada. você me disse que
 queria apenas dormir por quinze minutos.
 depois lidaria com seus pais e lhes contaria por
 onde andava. lhes contaria que estava descansando
 na sombra de uma árvore apelidada de tronca
 porque ~~essa~~ esse era o nome que você tinha lido em
 um livro. e também iria dizer que conversou com
 os passarinhos e ensinou novas melodias para
 canarinhos e sabiás. que sabia de trás para
 frente quantas árvores tinha na floresta naquela
 noite e que os galhos esguios das árvores
 estendiam-se para te abraçar e sussurrar
 brisas doces de verão, de bandadas de
 de aconchego
 e de segredos
 de milênios.
 você sabia
 de tantas
 de tantas
 coisas. porque não era um segredo: a natureza
 te contou algo tão belo e que ficou
 guardado no seu coração. e de
 tão belo que seus pais deveriam
 conhecer sua natureza. mágica, encantada
 e cheia de alegrias. o tempo era seu
 amigo. os dias eram noites e as árvores
 eram sua morada.





espero que com o tempo eu comece a esquecer seu rosto. ultimamente tenho desenhado muitas faces e em cada uma delas faço questão de colocar um pouquinho de você nelas. o pincel toca o papel como uma navalha e eu delimito os traços um a um com sandálias de ter você próximo de mim. é como se eu pudesse te ver, te tocar e sentir toda a textura da sua pele. delicadamente posso ter sua vida nas minhas mãos, sua respiração quente, sua pele na minha. acho que no fim das contas tudo vai ser sempre sobre você. gosto de saber o que se organiza em você. as pintas no seu rosto, as mandrinhas dentro dos seus olhos e as cicatrizes na sua mandíbula. detalhes que eu coleciono para não deixar uma parte minha morrer porque eu sempre lhe disse que memória era algo para se ter para outras vidas.

pelo amor se deus volta para
 mim volta para o meu coração
 para minha vida para o seu lugar
 para eu saber ver entender
 compreender, entender e mover
 no seu peito e cravejar minhas
 unhas em suas costas e perder
 para ficar só mais um pontinho
 dentro de mim e permanentemente
 no meu coração porque é aqui
 que te pertence te abraço te
 acolho só para matar minha
 vontade de ter sua boca no meu
 ventre volta para onde é o seu
 lugar pesando meus pulmões
 meus ossos meu sangue

e peito atravessando
 buracos mais ardente
 sentimentos e eu vim
 que me fazem perder
 controle ao ter seus
 olhos vindo diretamente
 para minha boca
 conjugando

te vi estou te vendo
daqui. admi que não
ficava abalada, mas,
seu rosto tem esse poten-
cial de reconhecer você
a quilômetros de
distância. como po-
deria esquecer sua
boca quente e olhos
que perfuraram minha
alma? talvez nem
lá entre que este
bilhete.

Logo que encontráreis e seu
cabelo preso ao seu rosto,
dizendo nossos entrelaços
e um em guiso volê.

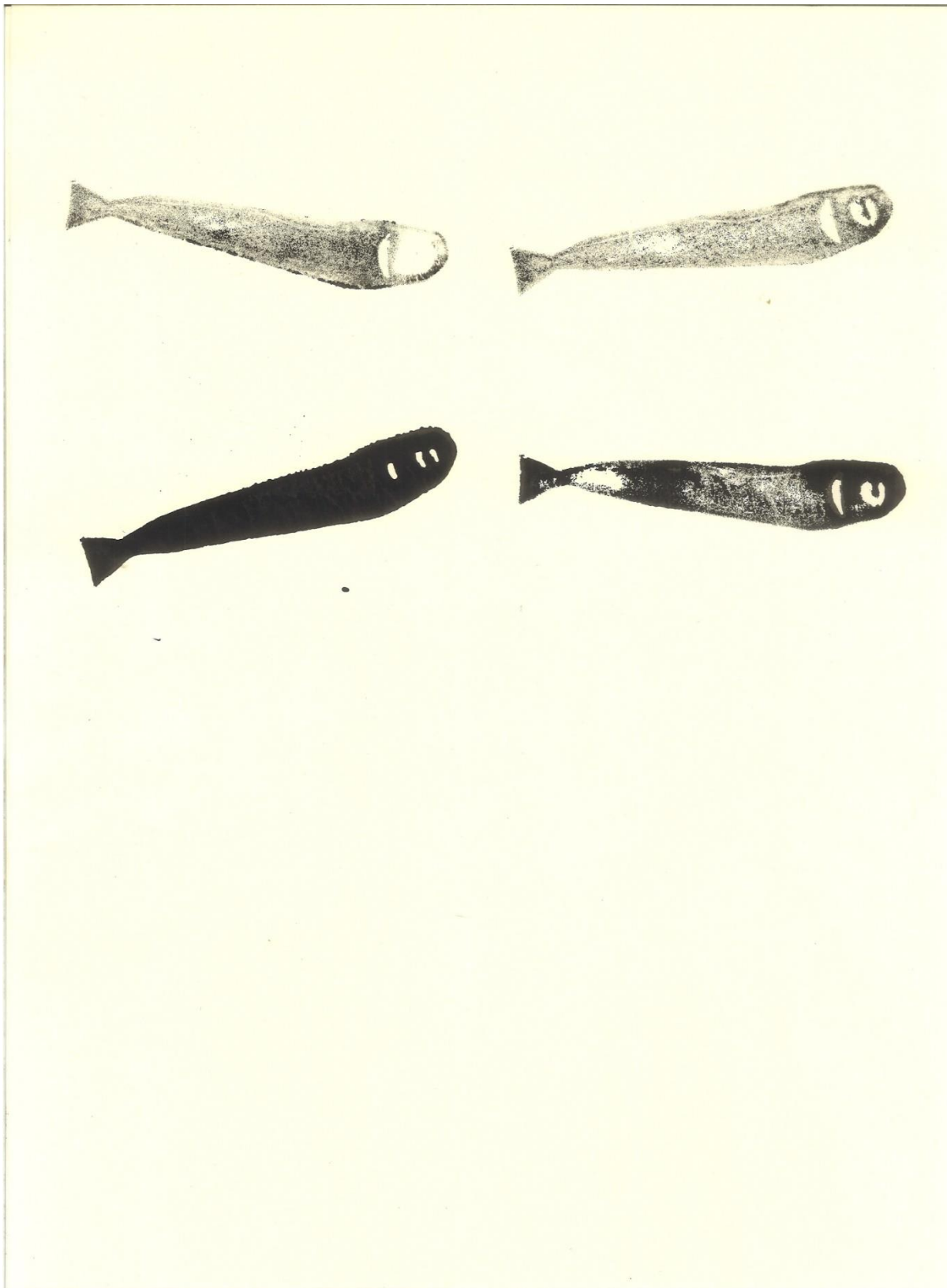
suas mãos
em concha
no meu ros-
to, aquece n-
do-me.

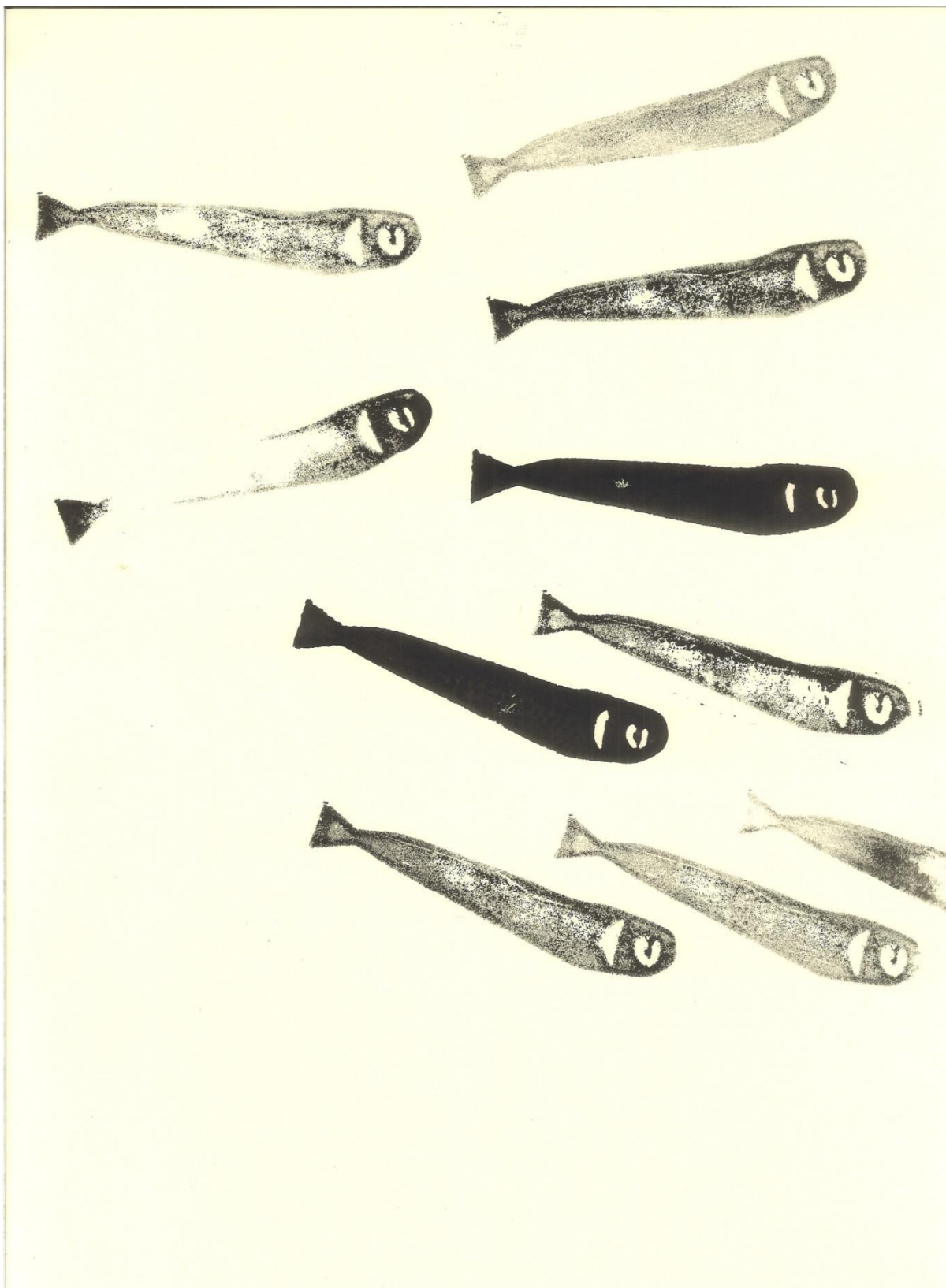
Tomado
pela minha
praga, fechei
os olhos e
deixei o ca-
lor de sua

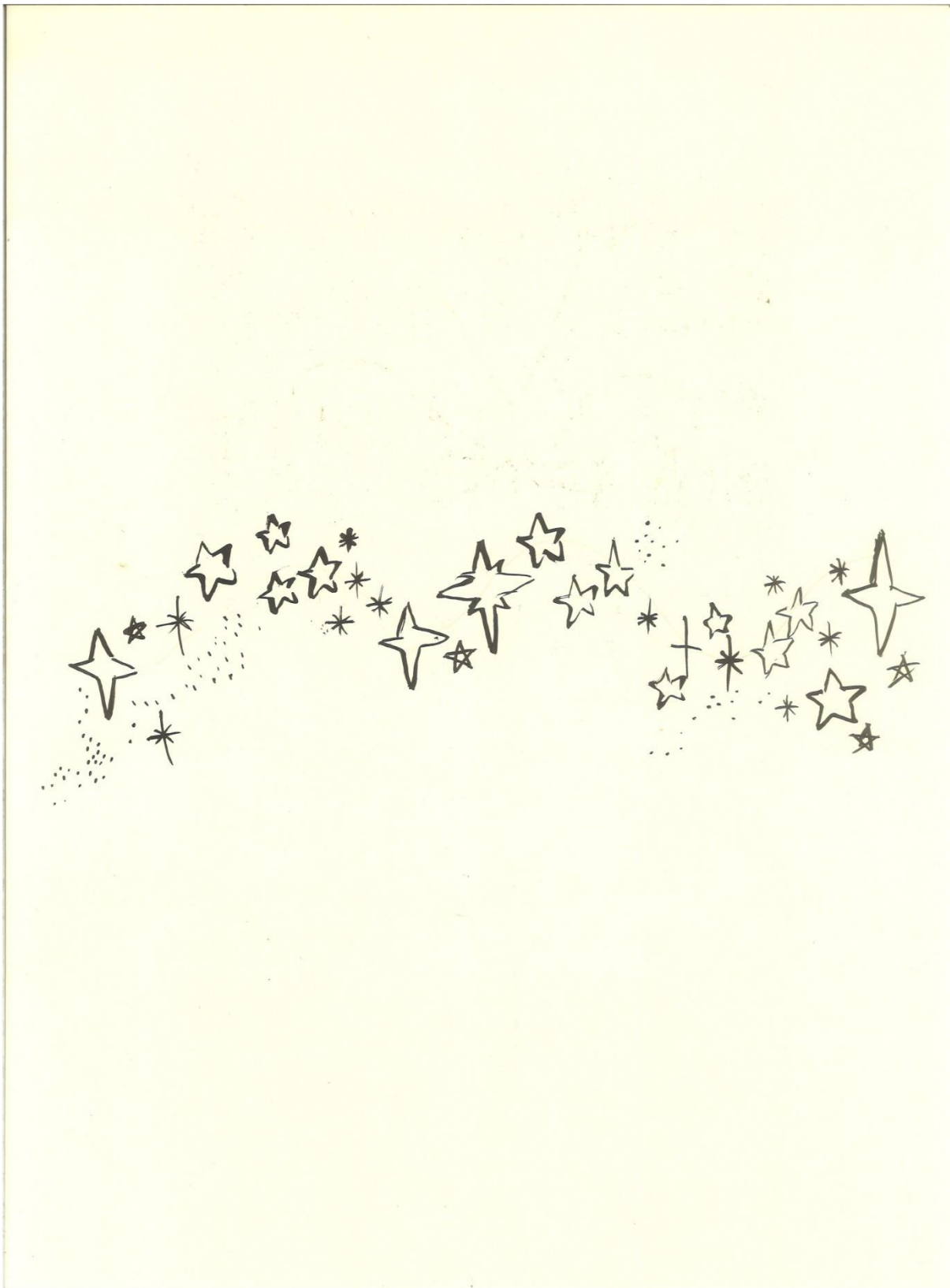
pele me dar
o que mais
queria naquele
le instante.

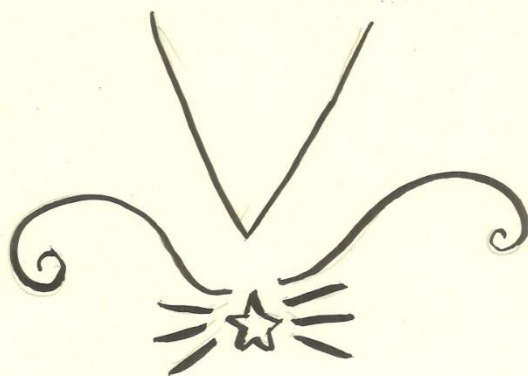
Um minu-
to depois
e ela estava
com a tuiã
de sopa que n-
te em
mãos.





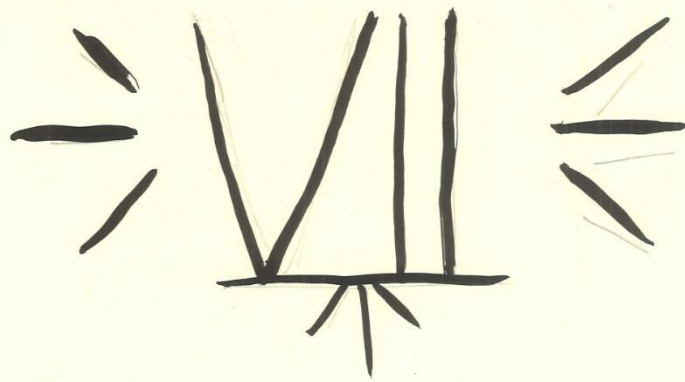






mares
de estrelas

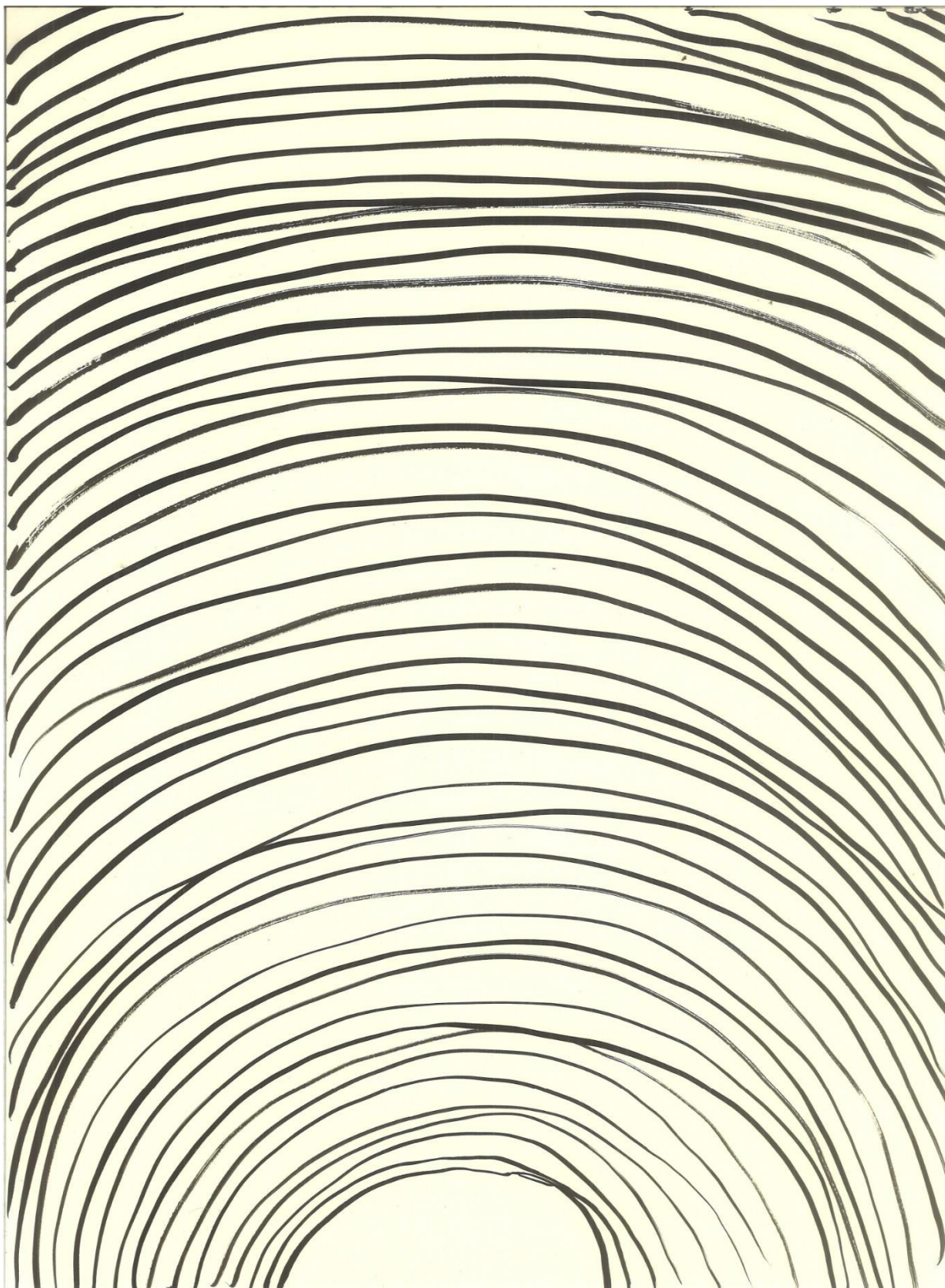
porque exist
tend infini
tos cantos
que me levam
diretamente
para o mar
de estrelas
eternas de
seu olhar.
porque eu



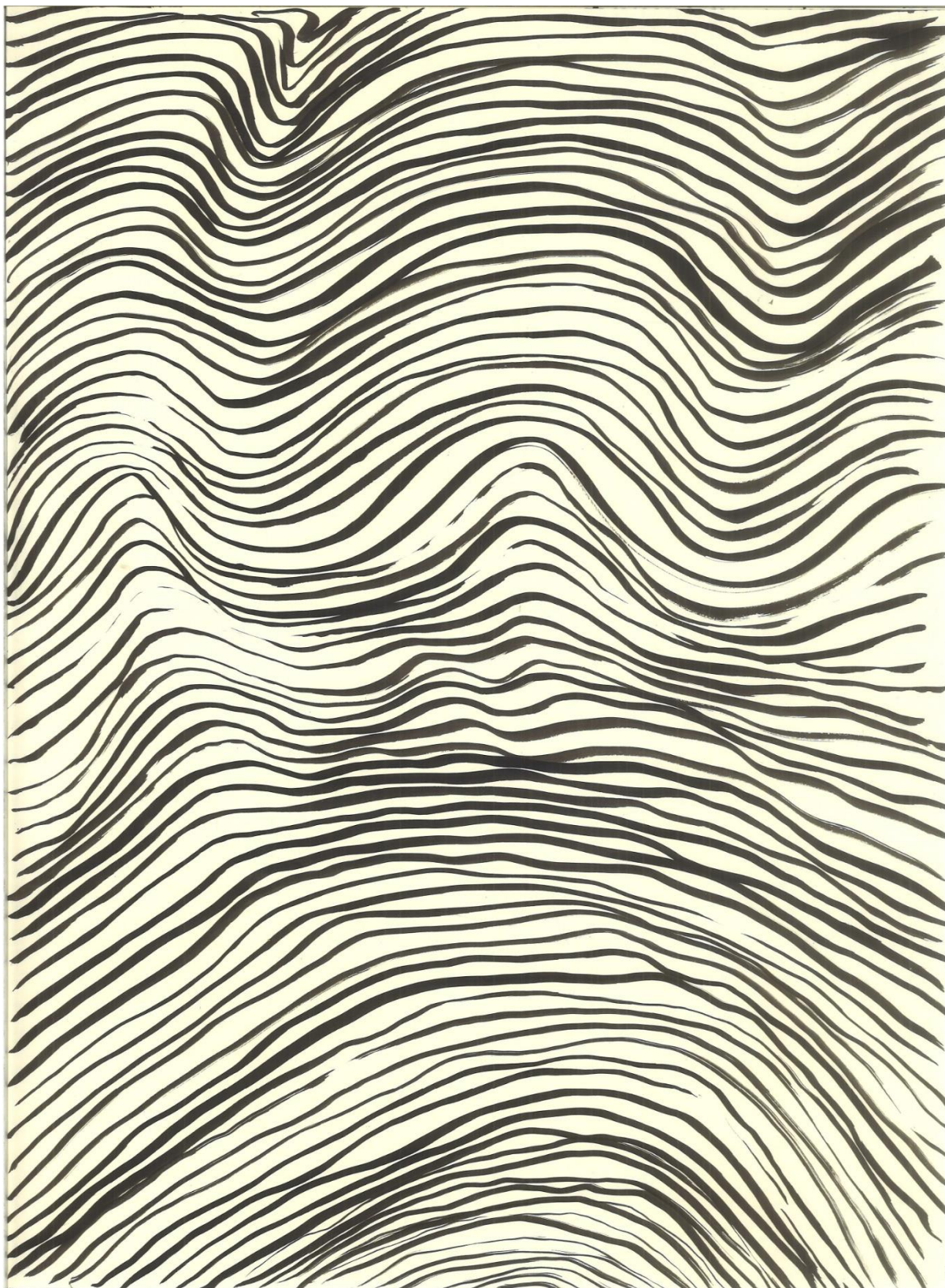
el *Stancado*

voce para
do outro lado
estancado como
um ferimento
e eu sei que
agora eu paro
de sangrar
porque sem que
tenho perdido
perdido uma
parte minha

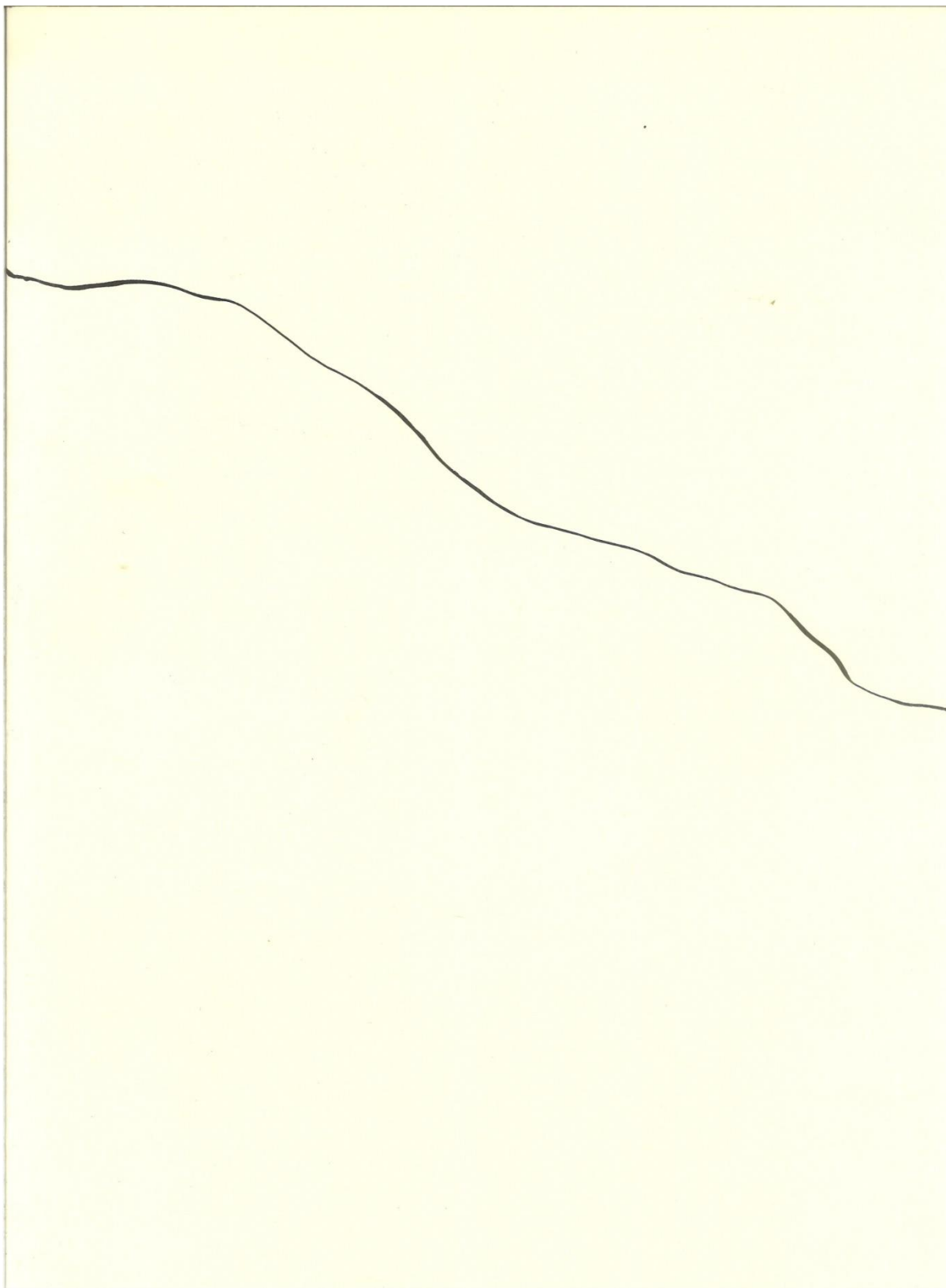
interlú
dio









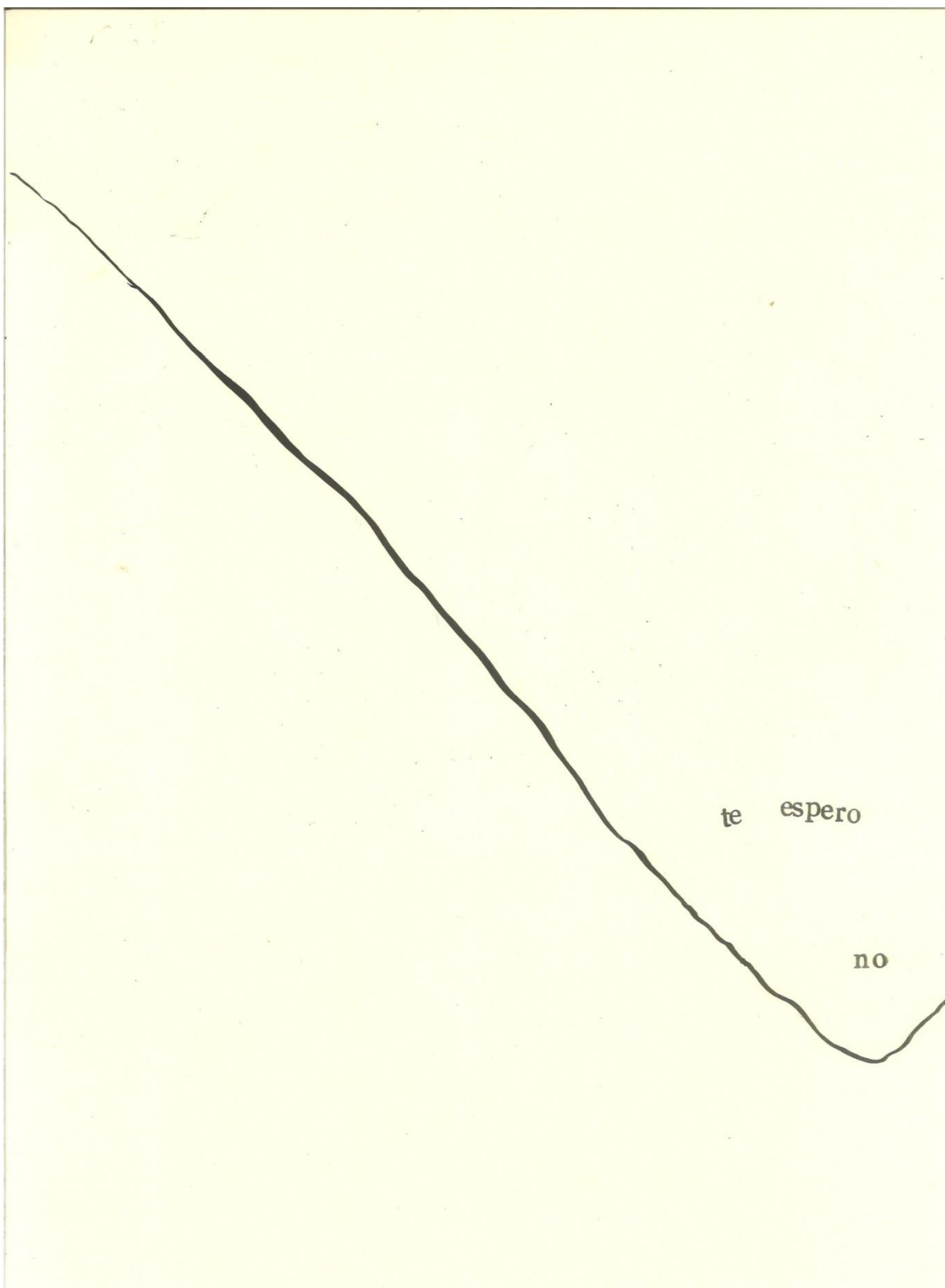


e
pensamentos que naufragam

minha mente

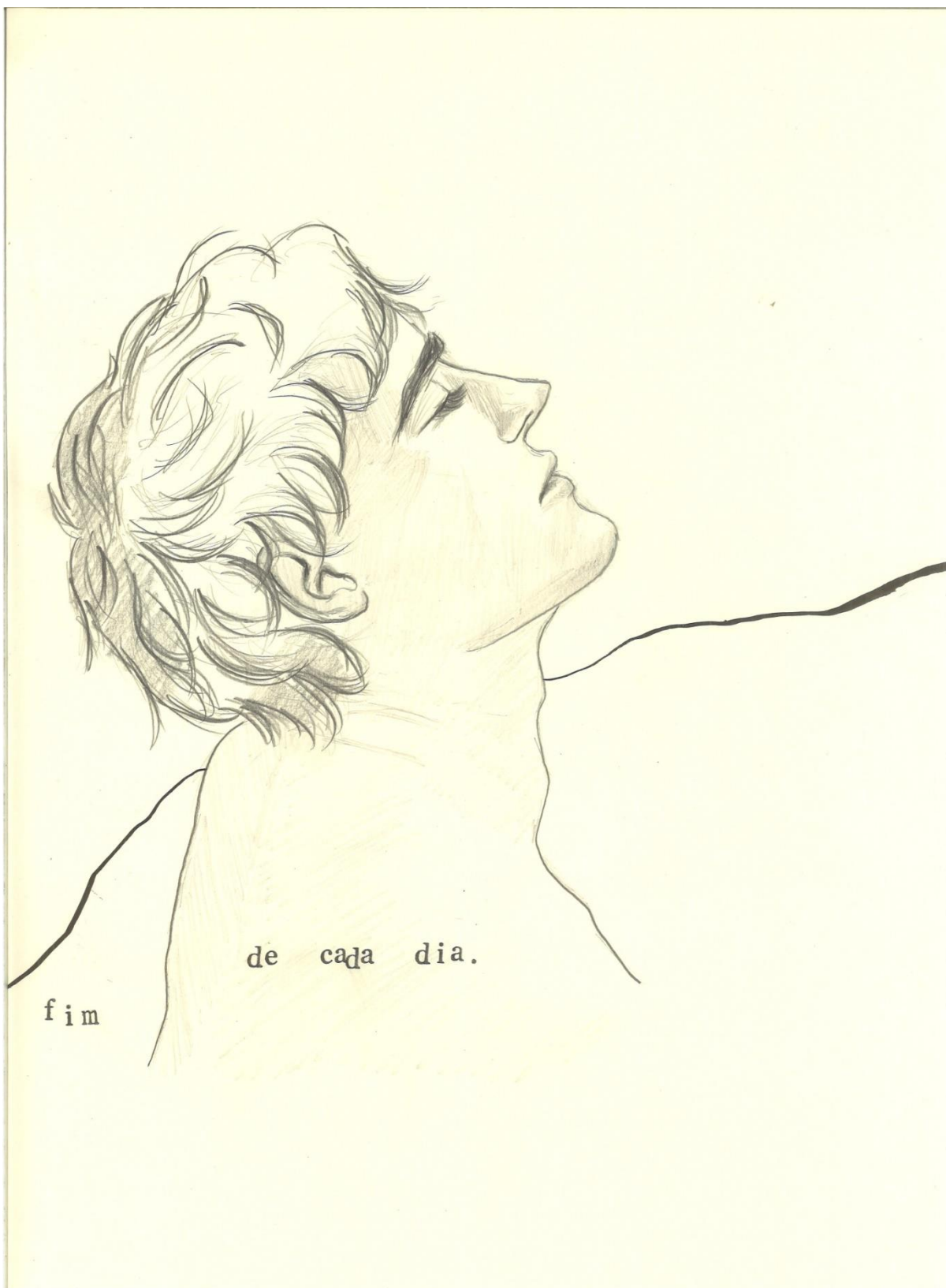
s
o
b
r
e





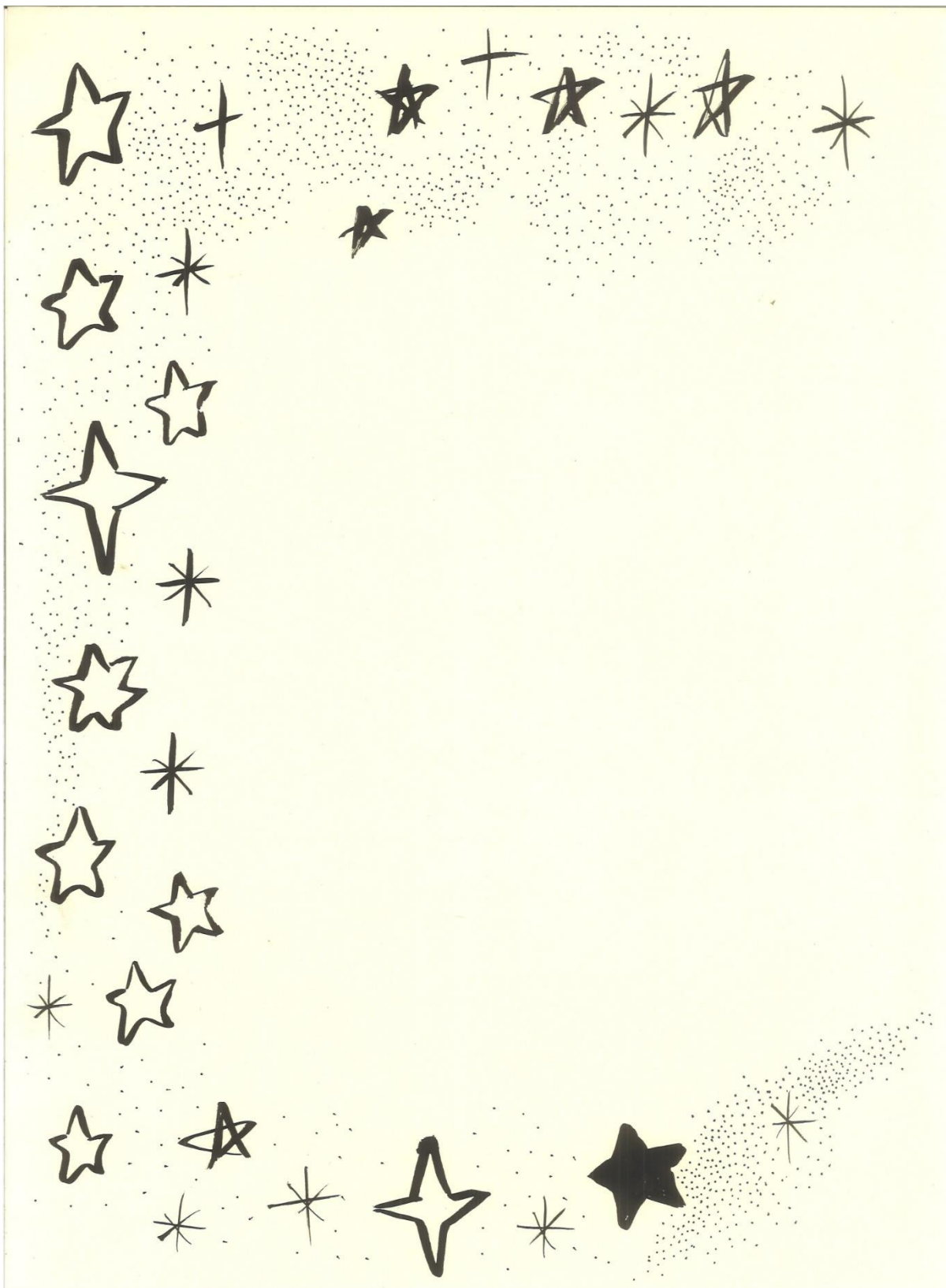
te espero

no

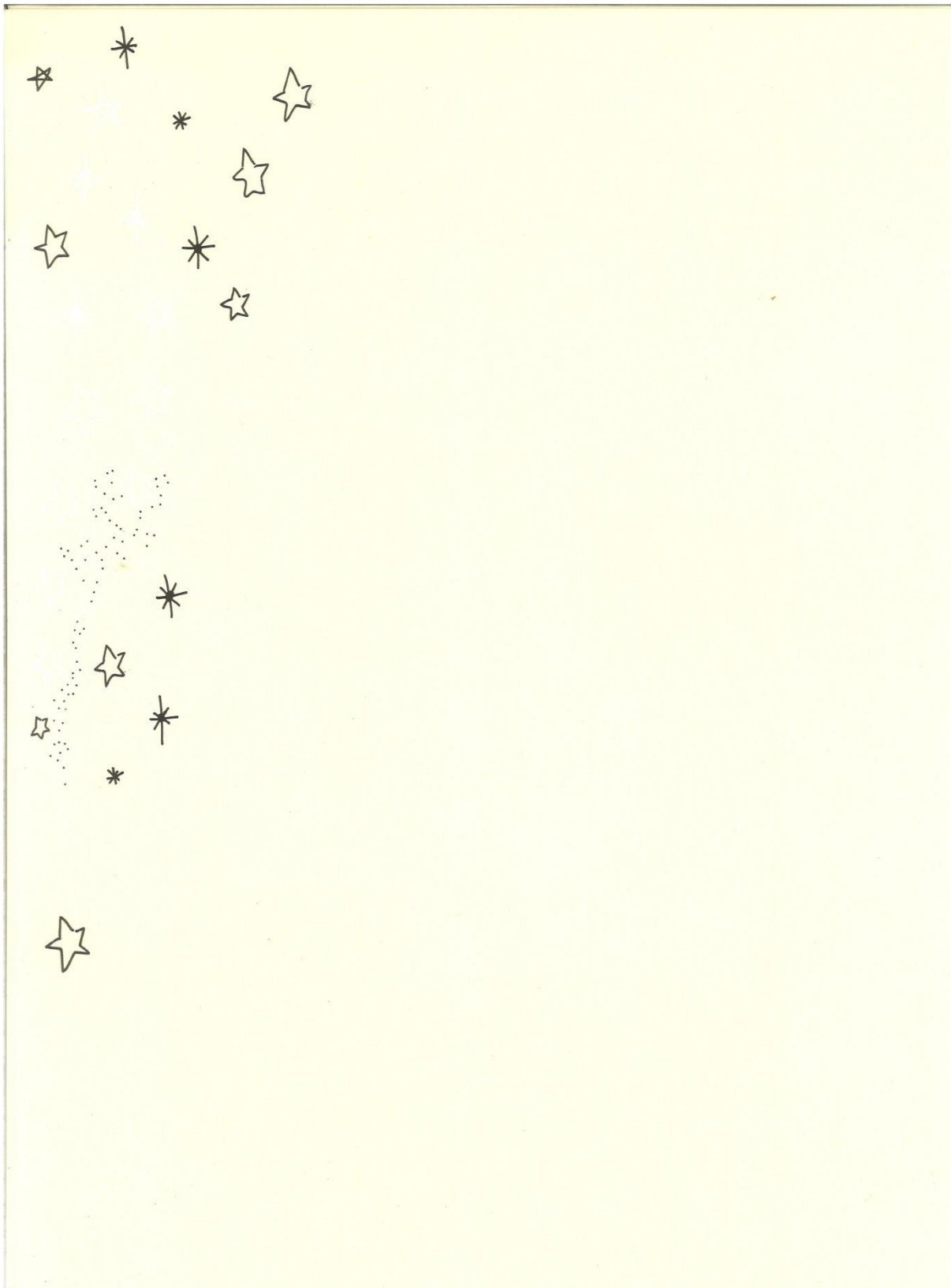


fim

de cada dia.







porque existem infinitos caminhos ★ ★
que me levam diretamente ★
para o mar de estrelas eternas de seu olhar. ★
porque eu facilmente ★ ★ ★ ★
me perderia em você ★ ★ ★ ★
sem medo de retornar para a superfície.
★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

minha estrela. ★



eu rogo minhas mãos em
seu quadril e faço uma
oração.

O meu que nunca foi,

como conhecíamos o verão da fantasia
com o fascínio,

de clássicos

silhuetas

livres

com

cor e sabor

e um

Desejo imediato

ai está você, minha estrela.

o que dura i como manñãs
del por do sol e cinco
últimas estrelas antes
de se despedirem para
seu verdadeiro lar